

DE

defesa de ESPINHO



DIRECTOR: AMADEU MORAIS — 13-8-76 — SEMANÁRIO — N.º 2314 — ANO 45 — PREÇO: 3\$00

editorial

Por AMADEU MORAIS

Aviznam-se as eleições para as autarquias locais, e, com elas, a modificação profunda da maneira de administrar. Não foi promulgada ainda a legislação que as regerá, mas os preceitos constitucionais que se referem à organização do poder local mostram que ele passará a ser organizado de modo acentuadamente democrático.

Pesada será a tarefa de quem vier a assumir o encargo de gerir os interesses de um concelho como o de Espinho, terra que durante dezenas de anos teve a felicidade de encontrar pessoas que se lhe dedicaram, com larga visão para adivinhar e procurar resolver com surpreendente antecipação problemas essenciais ao seu desenvolvimento, tornando-a exemplo ímpar no meio do atraso generalizado, terra que, depois, estagnou durante muitos anos, vivendo à sombra do nome adquirido, e que, por último, só de vez em quando encontrou quem se lhe dedicasse e fizesse do seu interesse o objectivo único, arrancando dispersos benefícios, à custa de muito labor e de muitos sacrifícios.

Olhando para trás, podemos dizer que os altos e baixos resultaram das intenções com que certas pessoas se fizeram administradoras dos interesses municipais: tivemos polícias da Ditadura, essencialmente preocupados com denunciar e perseguir, de uma forma ou de outra, adversários políticos e com aparentar concordância ou aplauso generalizados com tudo o que fosse ditado pelos CHEFES, silenciando quanto surgisse de discordância, e tivemos pessoas limpas, de corpo e alma, que não fizeram mal a ninguém, incapazes de uma deselegância, que entraram nas autarquias unicamente para servir a sua terra, proclamando-a e agindo assim mesmo, com os olhos postos unicamente naquilo que as determinava e só nisso.

É bom que esta distinção se afirme e se faça, em Espinho e pelo País fora, sob pena de se cometer grave injustiça e de se sancionar o cretinismo de alguns, o intuito desmantelador, maldosamente accionado, de outros e a ignorância de muitos, que, após o 25 de Abril, esboçaram uma cega campanha de generalização, chamando nomes a todos quantos antes da Revolução trabalharam nas autarquias cu de qualquer outro modo pelo interesse público, com ressalva dos senhores Costa Gomes, Otelo Saraiva de Carvalho, Vasco Gonçalves e poucos mais. Inexistentes ou hibernantes durante os anos que se seguiram ao 28 de Maio, os autores da campanha deveriam hoje sentir-se envergonhados do seu gosto, se fossem pessoas de sentir vergonha.

E a distinção deve fazer-se ainda, para evitar que, por esse País fora, se ponham de lado pessoas úteis à colectividade, conscientes, com provas dadas da sua dedicação pelos interesses locais, para introduzir em vez deles incompetentes e videirinhos, dos tais que, apreciando convicções progressistas que nunca lhes foram conhecidas durante dezenas de anos, condenarão irremediavelmente todos os anseios de zonas que precisam de realizações e que estão fartas de palavras ócas.

Com o arrumar da casa, há que reconhecer que se parte do zero em matéria de planificação de necessidades. Há que encarar abertamente o futuro e escalonar, por ordem decrescente, as tarefas a realizar, sem esquecer que Espinho, para além das necessidades comuns à generalidade dos concelhos do País, é uma Zona de Turismo de comprovado valor, que deve ser encarada e tratada com tal. Há muita coisa essencial a fazer e não pode pensar-se em administrar do improvisado e à última hora.

VISOR

A Rua 37 é uma continuação, para o sul, da Rua 8, e por tal motivo de considerável movimento.

Nos seus passeios, uma das passadas administrações camarárias mandou plantar as árvores, tendo em vista a redução da largura dos passeios, excessivamente espaçosos.

Porém os anos passam e tudo continua na mesma, ou pior. Os passeios, que são em terra, têm desniveis, com os de cimento, que são um disparate.



Não propomos passeios de tijoleira, como se pretende fazer na Rua 19, mas, no mínimo, regularizar o seu piso em balastro. E tratar de fazer uma melhoria de acordo com as possibilidades disponíveis...

O ANTI-DIÁLOGO

Também poderíamos dar a esta nota outros títulos, como: quando os homens se juntam, mas não se encontram; ou: quando os homens improvisam uma assembleia, ou ainda: quando os homens pretendem impôr-se pelo tom de voz e não pela convicção dos argumentos...

Tudo isto a propósito duma pseudo-assembleia em que, de propósito, não tomamos parte (por razões várias que, para já, não vêm ao caso), mas de que apanhamos o rescaldo; e com total independência pessoal e ideológica pudemos, e podemos, analisar os factos e sugerir pistas mais amplas — chamemos-lhes, segundo uma velha expressão **caminhos não andados** — quer no respeitante ao modo (altamente responsável) de organizar uma assembleia popular, quer às finalidades concretas que se pretendem atingir na mesma.

De um mau planeamento duma assembleia resulta a anarquia e demagogia, tão do agrado dos (anti) «desportivos assistentes», que normalmente ou vêm para boicotar qualquer hipótese de trabalho, ou gozam à brava com o fracasso; e saem com a presunção triunfalista, agradável à sua mediocridade, de que afinal eles é que tinham razão: porque F. não vale nada, porque F. quer é defender os seus interesses, porque isto é sempre a mesma «coisa», porque... porque...

E se a este factor primordial se aliam os mediocres ou infelizes intervenções dos homens de quem o Povo espera, sem favor, cabeça fria, elevação de linguagem e propostas cla-

ras de trabalho, então... seria mesmo utópico lirismo esperar, desde logo, brilhantes resultados.

Por MANEL

Depois, o melhor que pode acontecer é que os erros sirvam para auto-crítica de quem os cometeu; e que as pessoas ganhem vontade de intervir, com responsabilidade própria, avançando com vias positivas, em vez do velho masoquismo de explorar o sádico prazer da asneira continuada...

Temos dito muitas vezes (e nisto a revolução nada nos ensinou, antes pelo contrário) que as pessoas ganharam, em longos anos de obtusa prática, o vício de viver de espinha vergada e chapéu na mão sob o domínio (atento, venerador e obrigado!) de uma elite de senhores

l-cais, elevados a tal categoria por critérios muito especiais; no fundo, uma forma de exploração que, pela força do hábito, até entrou no agrado tácito das massas; podíamos agora citar imensos casos em que, ou as pessoas demonstram estar ainda nessa escravatura senhorial, ou então aspiram (com outras roupagens) aos mesmos **po to**; deixados vagar...

Mas quanto a participar em plano de igualdade, em termos de responsabilidade e personalidade, temos conversado; pelo menos, pensando nos homens que devem e têm a obrigação de intervir activamente (como dizem querer) na construção duma sociedade nova.

E nestas coisas (de andar para a frente com o Povo-Sociedade, e não somente com elites herméticas) há que contar:

(Continua na 3.ª pág.)

VÉRTICE

Por CARLOS SÁRRIA

PIOROU E MUITÍSSIMO

Após o 25-Abril, contam-se (pelos dedos) as vezes que tenho ido ao cinema, pois, sinceramente, a qualidade da maioria (esmagadora) dos filmes exibidos não me seduz e, palavra de honra, não embarco nessa de sustentar a gula comercialona (e a falta dos mais elementares escrúpulos) de quantos, pouco interessados em contribuir com o cinema como veículo de cultura e **sã diversão** (do e para o povo), antes, numa caça desenfreada à massa, exploram os gostos sórdidos, a impreparação, a incultura, a incivildade e outras coisas da mesma índole, bem patentes na grande mole do nosso pagode, ofertando-lhe (a coberto das mais amplas liberdades) a imundície que acaba por atolar muitos e (até) degradar as estruturas duma sociedade (que se devia pretender) **sadia**.

Voltei, por sinal, ao cinema no último sábado, levado pelo filme a «Torre do Inferno» (cuja crítica deixo para os especialistas), ao qual fui conduzido pelas apreciações favoráveis lidas no sector crítico respectivo.

Há meses que não entrava numa sala de cinema e (talvez sonhadamente) ia confiante de encontrar um ambiente novo, porquanto, antes de 25-Abril, embora dentro de certos condicionamentos, dada (então) a existência de autoridade actuante, havia lá um pisar de risco (em certos aspectos), a prejudicar os frequentadores, pois ali há regras a respeitar dada a natureza e finalidade do local.

Utopicamente, confiava que as pessoas, (agora com outras liberdades), saberiam respeitar o sentido de liberdade, comportando-se civilizada e educadamente, tendo em conta que, ali, estão centenas de cidadãos e a liberdade de cada qual termina onde principia a do vizinho.

Foi uma desilusão!

O comportamento na sala do cinema, (com as mais amplas liberdades), com a ignorância, a insensatez, a incultura, a incivildade, a impertinência a importância, a estupidez, de número incomensurável de frequentadores do espectáculo cinematográfico, aos quais (durante largos e largos meses) alimentaram a estulta ideia de que estavam no pleníssimo direito de fazer quanto lhes desse na real gana, piorou e muitíssimo.

(Continua na 3.ª pág.)

PROMESSAS E REALIDADES

(Continuação do número anterior)

2.3.1. — PLANTA E PERFIL

Variante da linha do Norte

Como houve necessidade, por motivos de economia de evitar a demolição de uma importante fábrica de plásticos, teve que se alongar o traçado para o Sul de modo a comportar todas as instalações de mercadorias e de serviço de tracção de que se julgou indispensável dotar a estação.

Por este motivo, o traçado primitivo da variante à linha do Norte, que tinha 4 980 m. de extensão, passou a ter 5 259,60, isto é, mais 279,60 m.

Os serviços de mercadorias e de tracção ficam situados também em patamar e declive... Ao passo que estes dois serviços em grande parte, ficam em aterro de pequena altura, a estação de passageiros situa-se na travessia da Vila, em terreno escavado à profundidade de 8 a 9 m. o que permite a construção de 3 passagens superiores para transposição das linhas ou as que, mais tarde, seja conveniente estabelecer.

Variante da linha do Vale do Vouga

Esta variante desenvolve-se desde o Km. 2,513,10 passando superiormente à variante da linha do Norte bem como à estrada que da vila dá

acesso aos cais de mercadorias da estação e àquela que estabelecerá ligação entre o quartel e a carreira de tiro.

2.3.2. — Expropriações

São aproveitados todos os terrenos expropriados para a primitiva variante.

Dado o desenvolvimento que houve necessidade de dar às instalações da estação, a quadruplicação da via, a ocupação de novas áreas leva à expropriação de numerosas casas e terrenos na importância total de 22 283 contos.

(Continua na 2.ª pág.)

FÁBRICA

HÉRCULES

de AFONSO HENRIQUES, SUCRS. LDA.

INDÚSTRIA
TRANSFORMADORAMATÉRIAS
PLÁSTICASInjecção — Compressão — Extorsão
— Insuflação — Rotação — Vácuo

ENDEREÇO TELEGRÁFICO: HERCULES

TELEFONES: 920540 - 921098

APARTADO: 40

ESPINHO

« HÉRCULES »

GARANTIA de
FABRICO e QUALIDADE

OURIVESARIA CONFIANÇA

Uma casa antiga (1890) que com as suas instalações

BOM GOSTO E SIMPATIA

ACOMPANHA OS TEMPOS MODERNOS

OURO — JOALHARIA — PRATAS — RELÓGIOS

RUA 19, N.º 307

ESPINHO

SNACK **S. PEDRO**
BARRESIDENCIAL **PORTO**

Aberto toda a noite com cozinha permanente

1.ª Classe

Telefones: 920294 - 920391 — Ângulos das Ruas 8 e 25

ESPINHO

ARMAZÉM DE LANIFÍCIOS

OLIFEX

Ferreira & Oliveira, Lda.

ESPINHO

RUA 16 N.º 975 — APARTADO 144 — TELEFONE, 921569

Casa Romeu

★

Oculista Vitó

Rua 19, n.º 299

Rua 19, n.º 242

Telef. 921433

ESPINHO

Telef. 921433

Duas casas onde o bom gosto impera

ÓPTICA ESPECIALIZADA

★

NOVIDADES

★

BOUTIQUE

PROMESSAS E REALIDADES

(Continuação da 1.ª pág.)

Esta importância corresponde a 23,3% do orçamento total da obra.

2.3.3. — Terraplanagens

O facto da estação ficar em vala aberta à passagem na vila, confere especial relevo às escavações nesta parte do traçado da variante à linha do Norte.

O valor a dispendir com terraplanagens é de 12 692 000\$00.

2.3.4. — Obras de arte

Estão previstas não só as obras de arte destinadas à passagem do caminho de ferro como as de interesse rodoviário que é necessário estabelecer:

Nestas últimas estão incluídas três passagens superiores que foi julgado necessário estabelecer de acordo com a Câmara Municipal de Espinho para permitir a ligação entre as duas partes da vila separadas pelas linhas da estação.

Mais tarde poderão ser estabelecidas novas passagens.

A seguir se indicam as obras a prever para este fim:

VARIANTE DA LINHA DO NORTE

Cobertura da Ribeira de Silvalde

1 690 000\$00

Passagem superior da Rua 33

2 340 000\$00

Passagem superior da Rua 19

3 120 000\$00

Passagem superior da Rua 62(EN 109)

1 620 000\$00

NOVOS ASSINANTES

«DEFESA DE ESPINHO» iniciou uma vasta campanha de novos Assinantes passando a enviar exemplares do Jornal a residentes do concelho que não o recebiam.

O novo Leitor receberá, assim, gratuitamente, três exemplares seguidos, e não os devolvendo, de imediato, passará a ser considerado assinante.

Esperamos, deste modo, que os novos Leitores passem a considerar «DE» o seu Jornal.

Semanalmente, mencionaremos a relação dos novos assinantes obtidos nesta campanha.

Carlos Lopes, Carlos Alberto Carvalho, Carlos Alberto da Cunha e Costa Alves, Carlos Alberto F. de Carvalho, Carlos Alberto F. Peixoto, Carlos Alberto Pinto Ferreira, Carlos Alberto S. Ferrão Tavares, Carlos Alberto da Silva e Castro, Carlos Almérico Neves de Lima, Carlos Alves Martins, Carlos Augusto de Castro Pinho, Carlos Benjamim R. Faria Rego, Carlos de Castro Teixeira, Carlos da Costa Morgado, Carlos de Jesus Fonseca, Carlos José P. Sá Meneses, Carlos Júlio Palminha Dias, Carlos Manuel Amaral Paiva, Carlos Manuel Monteiro Martins, Carlos Manuel dos Santos Dias, Carlos Marques Leitão, Carlos Marques Teixeira, Carlos de Oliveira Soares, Carlos Pádua da Silva Oliveira, Carlos Ribeiro Espírito Santo, Carlos dos Santos, Carlos da Silva Lima, Carlos Augusto de Freitas Brandão, César Gomes da Silva, César Martins Teixeira, Custódio José Pereira, Custódio Marques de Sá Couto, Daniel Ferreira Boia, Daniel Marques Guimarães, David Rodrigues de Pinho, David Manuel Ramos M. Rola, David Marques Neves, David Moreira da Silva, David Pereira Mendes, David Pinto Fontes.

Prolongamento do pontão de 5 m. de vão que dá passagem ao chamado Rio Largo 360 000\$00
Passagem inferior da linha descendente lenta ao perfil 62 da variante 5 952 000\$00

Variante à linha do Vale do Vouga:

Passagem inferior da Estrada de Silvalde 400 000\$00

Passagem inferior da variante, no cruzamento com a variante da linha do Norte 1 680 000\$00

Passagem inferior da variante no cruzamento com a estrada de acesso aos cais de mercadorias 800 000\$00

Passagem inferior com a estrada do Quartel à Carreira de tiro 400 000\$00

A continuidade das pequenas linhas de água existentes é garantida pelo prolongamento dos aquedutos já construídos.

2.3.5. — Desvio de estradas

A estrada municipal que, passando de nível à linha do Norte, estabelece a ligação do quartel da Carreira de Tiro com esta instalação militar é cortada pelas terraplanagens da estação na sua parte mais larga. Houve por este motivo necessidade de estabelecer uma nova ligação rodoviária para servir aquelas instalações militares. Estudou-se pois um traçado com passagem superior à linha do Norte ao Km. 314,434, nas visinhanças de uma passagem de nível actualmente existente, que desaparece, restabelecendo em melhores condições a ligação da estrada antiga junto ao quartel com a Carreira de Tiro. O custo desta variante incluindo a P. S. ao Km. 314,434 da variante da linha do Norte é de 1 680 contos.

(Continua no próximo número)

AUTÊNTICAS PROEZAS DE GENTE BÁRBARA

A penultima 2.ª feira registou a entrada de forasteiros em Espinho como ainda não se tinha verificado desde o último verão.

Duma maneira geral o mês de Agosto é o período do ano que a maioria das classes trabalhadoras reserva para passar as suas férias.

Muitas unidades fabris fecham alguns dias durante este mês e diversas casas comerciais aproveitam, também, alguns dias para encerrarem as suas portas.

Gente em Espinho, na tal 2.ª feira, era aos montões.

O trânsito foi difícil de controlar. Registaram-se pequenos incidentes, desde um mal entendido entre dois cavaleiros que queriam entrar, ao mesmo tempo, para uma camioneta, até à discussão entre Bombeiros de uma ambulância e um condutor de um carro. Este, confuso, não ouviu a sirene da ambulância, meteu-se na estrada e aquela, quando pretendia executar a ultrapassagem, raspou no veículo ultrapassado. Pequenas coisas que levantam questões sempre aborrecidas.

Um pouco antes, ou seja depois das 18 horas, centenas de pessoas aguardavam na estação o combóio com destino ao Porto. A composição demorava-se e as pessoas impacientavam-se. O número aumentava minuto após minuto. As discussões animavam o local. As crianças choravam ou porque entendiam que de espera já bastava, ou devido ao intenso calor que se fazia sentir.

O chefe da estação anunciou, entretanto, a aproximação do combóio para o Porto, com paragem em todas as estações e apeadeiros, até à capital nortenha.

O público agitou-se e o barulho aumentou. A composição aproximou-se a marcha lenta e apitar. Os avisos, para que ninguém atravessasse a linha, soaram por todo o cais.

As crianças cresceram no seu choro. O combóio, cada vez mais próximo, e cada qual apertou com mais força as sacas e bagagens. As fa-

mílias aglutinaram-se. Os desconhecidos acotovelaram-se. Os emporrões eram cada vez mais fortes.

O combóio parou. Autêntica avalanche de gente pelas carruagens

Por ALBERTO ABREU

dentro. Não se olhou a prioridades. Não se respeitou idades, deficiências físicas, senhoras grávidas, pessoas com miúdos ao colo. Os mais espertos são os primeiros, num salto só, a entrar na carruagem. Todos pretendem subir simultaneamente. Ninguém se entende. Tudo se esqueceu. Não se respeitava nada sobre civismo. Todos se esqueceram de quem são e donde vieram. O que pretendiam era entrar. Cada qual que se desentrasquasse. As crianças, no colo dos pais, são apertadas por qualquer. Não olham à tenra idade e à delicadeza dos pequenos órgãos do bebé. O egoísmo é o primeiro a entrar para o combóio. O menos educado já lá se encontra dentro, para depois vir para a janela rir-se dos que ainda aguardavam a sua vez de entrar. Espectáculo deplorante e triste.

A educação daqueles milhares de pessoas cessou à chegada do combóio! O civismo desapareceu à paragem da composição! A ética social foi, ali, durante alguns minutos calçada, pisada e estupidificada.

Tantos anos de educação! Tanto dinheiro gasto na escola, na catequese, no convívio social, nos actos de compromisso, nas atitudes responsáveis, tudo isto... para nada! Que gente esta! Que pessoas que se esquecem de quem são para cometerem autênticas proezas de gente bárbara!

Tudo isto se passou 2.ª feira última cerca das 18 horas, momentos precedentes à chegada dum combóio que iria levar gente anónima para o Porto. De entre essa gente anónima, muitos pareceram-nos autênticos anti-mais irracionais.

DE defesa de
ESPINHO

SEMANÁRIO
(AVENÇADO)FUNDADOR:
BENJAMIM COSTA DIAS

PROPRIEDADE: EMPES — EMPRESA DE PUBLICIDADE DE ESPINHO, LDA.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA 19, N.º 62 — TELEFONE, 921525

Composição e Impressão: Of. Gráf. de «O Primeiro de Janeiro»

TIRAGEM MÉDIA: 2.700 EXEMPLARES

VÉRTICE

Continuação da 1.ª pág.

Para lá de se continuar (estranha e insensatamente), a permitir a entrada na sala após o espectáculo começado, com umas dúzias a perturbarem (durante tempo sem fim) centenas, o falatório (alto e bom som), o comentário, (sonoro e de todo o género), o bruí da sala, impedindo o silêncio que um local daqueles impõe, subiu assustadoramente, a comprovar que o pagamento não sabe ter respeito pelas liberdades adquiridas, não se sabe respeitar, nem respeitar (sobretudo) os outros.

É triste, mas é verdade! Pura, cristalina, deplorável!
De resto, (e sabemos quanta de realidade isto encerra), não vale a pena recordar à autoridade presente para impor o comportamento adequado, mesmo que tivesse de expulsar (da sala) os inconvenientes. Além de ser tarefa para um batalhão de agentes, isso seria rotulado de repressão, de intolerância às liberdades e (logicamente) para evitar atritos (por razões óbvias) a autoridade não alinharia num assumir de tal posição, embora justificável, na medida que uns quantos não podem (continuamente) lesar quem pretende ver um espectáculo, cujas características determinam regras específicas.

Se tudo não fosse suficiente, ainda o filme decorria no écran, mas já se vislumbra o final, o zé pagode tratou de se levantar, ficando de pé a assistir às últimas cenas, ou saindo (pela sala fora), perturbando o ambiente e quantos sabem que o espectáculo só termina quando se lê «fim» e, apenas então, se erguem.

É escabroso, intolerante, quanto se passa numa sala de cinema, mas (na verdade) quem faz algo para por cobro a esse estado de coisas?

Quando se proibirá a entrada (nas salas) após o espectáculo começado? Quando se fará uma campanha (exaustiva) a chamar a atenção do público frequentador das salas para as regras do comportamento que deve ter, em respeito por ele próprio? Quando se pedirá à autoridade colaboração, no sentido de (se preciso for) expulsar da sala quem não pode ter o direito de, ali, fazer quanto a estupidez lhe aconselha, em prejuízo de largas centenas?

Queremos, ou não queremos, uma sociedade nova?
Então eduque-se o povo, consciencialize-se o povo para os deveres a cumprir e as regras a respeitar, industrie-se o povo para saber viver na colectividade onde (cada célula) se tem de integrar em comportamento específico e (devidamente) pautado.

Quem (e quando?) começa, a nível dos cinemas, a ensinar-se a frequentar (correctamente) essas casas?

Bora, não estejam à espera de que tal trabalho seja feito por quem as explora, pois a maioria desses interessa-lhes ter casas cheias, pouco lhes preocupa a qualidade dos filmes ou se (durante o espectáculo) o comportamento do pagode é intolerante!

A coisa tem de principiar por outro lado e já não é (nada) cedo!
Assim (como está) é uma tristeza, a manifestar o (baixo) índice de educação, civilidade, civismo, cultura, e outras basezinhas (essenciais e indispensáveis) dos nossos cidadãos, em número realmente preocupante.

Piorou (estranhamente) e muito!

Carlos Sárria

O ANTI - DIÁLOGO

(Continuação da 1.ª pág.)

— com os homens ainda não queimados pelo seu proceder;

— com os homens não viciados com os tais hábitos bem característicos do passado, hábitos que vêm muito ao de cima, quase sem querer;

— com os homens que **comparam à chamada**, sem que se vão chamar a casa, entre medidas, v.as ex.as e... comes-e-bebes!

Por contrapartida, é necessário desmobilizar:

— os oportunistas — que até já reinaram demasiado!

— os boicotadores por vocação e é minguia de senso;

— os amadores de «bocas», polémicas e discussões negativistas e estereis.

A haver **divisão** numa terra, não só a aceitamos como a achamos necessária por causa de dúvidas, mas só entre os elementos válidos e os que o não são, nem querem ser...

Não podemos a priori aceitar que um Povo (uma terra) é atrasado e acabou-se, não há nada a fazer-lhe...

Uma terra, grande ou pequena, tem os seus valores, os seus homens válidos: importa é descobri-los, dar-lhes voz activa, acreditar no seu valor e trabalho.

Por nós, acreditamos muito abertamente nos homens ainda não marcados pela auto-suficiência ou pela desilusão colectivista; com a mesma franqueza com que não acreditamos nos indivíduos demasiado sabedores, demasiado superiores, demasiado... brutos!

Uns podem errar, mas são capazes de auto-crítica e recuperação; outros, porque fizeram a sua opção, escolhendo a asneira, são na prática incuráveis, pois fazem tudo, e algo mais, para encurralar tudo e todos no seu asnático mundo; caso patológico arrumado!

Por fim, depois destes toques — que pretendemos positivos — na **necessidade** de os homens duma terra se encontrarem para dialogar em ambiente de responsabilidade, no **planeamento** ponderado duma assembleia e no **ter que contar** com novos homens válidos, um último ponto, neste apontamento, que melhor chamaríamos uma **acheira** para uma técnica de trabalho a nível de organização dos **poderes locais**.

Sempre que se convoca o Povo, é absolutamente indispensável haver finalidade(s) concreta(s) a dar aos trabalhos da reunião; o **moderador** tem de ser claro e seguro; a **meia** tem de saber controlar (orientar) as intervenções, seleccionando com decisão o útil e o inútil.

Quer-se, por exemplo, constituir uma Comissão de Moradores? Ora, achamos utópico e errado começar pelo fim, isto é, pretender uma coisa e fazer outra, diferente. Explicando: uma Comissão de Moradores é, por natureza, um órgão bem localizado num lugar ou zona de freguesia; as várias Comissões (no **mínimo duas**) constituirão, (ou apontarão para) a Assembleia de Freguesia que, no novo Estado de Direito, vai ter um papel bem definido e importante.

Temos para nós que começar por uma convocação geral (por sistema com reduzida afluência) com a ideia de dela resultar **uma só** Comissão de Moradores, diríamos (talvez mal comparado) que estávamos a regressar à máquina corporativista: a par da Junta de Freguesia uma «Comissão de Melhoramentos», não poucas vezes em regime concorrencial...

Dai, segundo o nosso entender, dando como certo que há numa terra problemas urgentes e graves a resolver, que há homens e meios para lhes dar solução, que há nas novas Leis que nos regem lugar amplo para os órgãos de poder local, a **melhor solução** é dinamizar **assembleias de zona** e depois, sim, a partir destas, uma séria Assembleia de Freguesia que congregaria obviamente os homens mais activos da terra, legitimados pela escolha dos moradores da sua zona...

Teremos com estas ideias ajudado a clarificar situações que andam confusas?

Foi essa a nossa única intenção, já que é nossa norma rígida o tudo fazer para construir e nada para destruir.

Manel

Uma mala cheia de saudades...

Você acaba de chegar. Traz saudades dos seus, porque mesmo longe não deixou de pensar neles. E traz projectos sobre o seu futuro.

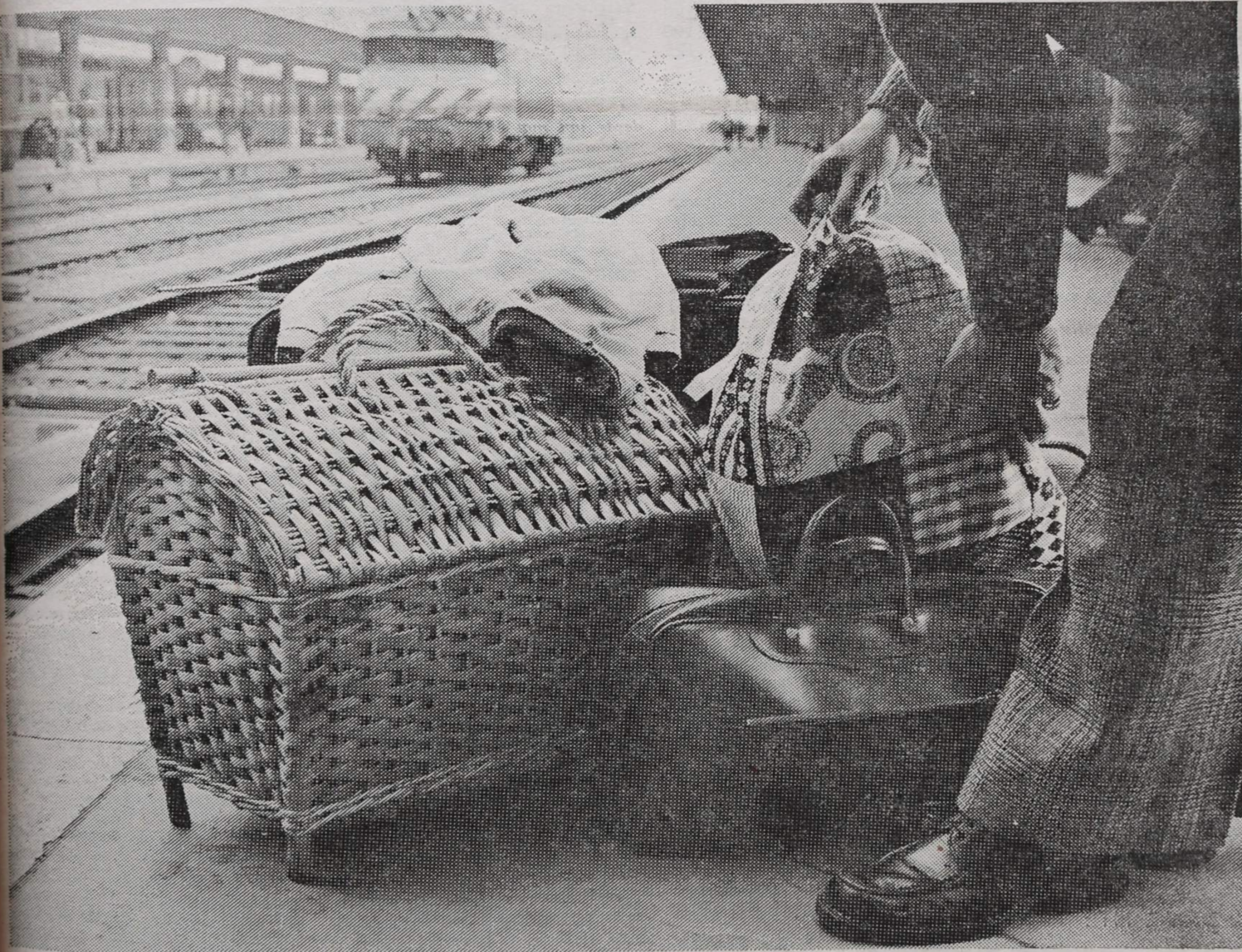
Projectos de adquirir uma casa sua. De aumentar a sua pequena indústria. De desenvolver a sua fazenda. De se lançar na construção. Recorra, pois, aos serviços da Caixa, que lhe concede grandes facilidades de crédito.

Deposite as suas economias, mesmo em moeda estrangeira, na Caixa Geral de Depósitos.

A Caixa vai lançar em breve um novo sistema de poupança-crédito, que beneficiará grandemente os emigrantes.

Confie na Caixa Geral de Depósitos. Pense na segurança do seu dinheiro e veja-o crescer...

Pense no futuro de todos os seus, agora que acaba de chegar.



FLUMEN



CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS



100 ANOS 1876 / 1976

ASSIM VAI A CIDADE

APELO À POPULAÇÃO DE ESPINHO E DAS REGIÕES ENVOLVENTES

A prestação de serviços pelo Hospital de Espinho tem atingido números verdadeiramente inacreditáveis e o seu conhecimento impõe que todos os sectores responsáveis pela saúde se debrucem, urgentemente, sobre o estudo duma solução que facilite a prestação de assistência de facto capaz.

Mais serviços não são prestados porque as carências em meios humanos e materiais não o permitem.

E nestas circunstâncias, os elementos eleitos para a Comissão Instaladora apelam para a população eventualmente utente a melhor ajuda ao pessoal trabalhador quando dele necessitem.

Também apelam para as corporações de Bombeiros das regiões vizinhas para só trazerem para o Hospital de Espinho em caso muito urgente e passíveis de assistência em Espinho.

Para um melhor conhecimento geral salientamos que o Serviço de Urgência atendeu, de 1 a 6 do corrente, 460 homens e 361 mulheres o que dá uma média de 137 doentes por dia.

Desde o princípio do ano e até 6 do corrente, no Serviço de Urgência, que trata ferimentos, queimaduras, gessos, etc., etc., foram atendidos 8 996 homens e 8 276 mulheres.

E ainda no mesmo período: Internamentos gerais . . . 1 208

Exames Radiográficos . . . 4 508
Crianças nascidas . . . 572

INTERVENÇÕES CIRURGICAS

Oftalmologia 20
Cirurgia Geral 250
Otorrino 308
Ortopedia 70
Obstetria 40
Urologia 76

Total de intervenções cirurgicas 764
Perante estes valores não podem as entidades responsáveis ficar por mais tempo alheias a esta situação.

INFANTÁRIO — ONDE ESTAS???

Passados que são dois meses do concurso para a empreitada do Infantário, e que até já tem verba assegurada para o efeito, continua-se sem vislumbrar o reinício das obras. Porquê senhores que mandam nestas coisas? Que mal vos fizeram as criancinhas?

NOVO EDIFÍCIO PARA O CICLO PREPARATÓRIO

Foi aprovado pela Direcção Geral do Equipamento Escolar o local proposto pela Câmara para a edificação do novo edifício que comportará salas para 32 turmas.

Trata-se dos terrenos a nascente do Colégio da N.ª S.ª da Conceição num total de 25 000 m².

CONCURSO «FATO DE BANHO 1900»

Numa organização conjunta AAE-SCE, vai voltar a acontecer o tradicional concurso do fato de banho do tempo dos nossos avós, certame que é um repositório do passado e tem despertado, nas edições anteriores, muito interesse e feito passar modelos de trajes de banho dos quais já a memória não se lembra.

Claro, depois há baile e variedades, e a festa realiza-se no dia 21 (sábado) no Casino.

MOVIMENTO DO HOSPITAL DE ESPINHO DE 2-8-76 A 9-8-76

Internamentos Gerais . . . 46
Exames Radiográficos . . . 156
Crianças Nascidas 17

INTERVENÇÕES CIRURGICAS

Obstetria 1
Cirurgia Geral 8
Otorrino 11

SERVIÇO DE URGÊNCIA

Homens 502
Mulheres 377

MOVIMENTO DO PATRONATO DE ESPINHO DE 2-8-76 A 9-8-76

Infantário (de 1 mês aos 2 anos) 45
Jardim Infância (dos 3 aos 6 anos) 170
Tempos Livres (dos 7 aos 12 anos) 65
Total de Crianças 280
Sopas 190
Refeições Completas 125

O Patronato agradece a vossa visita.

CASAMENTOS

ESPINHO
— Carlos Daniel Ferreira Augusto com Elisa Margarida Cardoso Rodrigues da Silva.

SILVALDE
— Manuel Laurindo da Rocha Pereira com Maria Ester Pinto Couto;
— Joaquim Mendes Medeiros da Silva com Maria Cecília Mendes de Medeiros França;

— Oscar da Rocha Custódio com Rita Celeste dos Santos Bernardes.

ANTA
— Joaquim Dias da Mota com Ermelinda Ferreira Fernandes.

PARAMOS
— Manuel Pinheiro Vieira com Isabel Maria da Silva Varandas.

HÁ QUE DIZER A VERDADE!

Embora chocante, a verdade tem de ser dita, para que possamos combater com eficácia o que de muito anormal se passa no nosso País em matéria de Segurança Rodoviária.

Possível é que muitas pessoas não saibam que o número de acidentes rodoviários, verificado no nosso País permite concluir que:

- ocorre, em média, um acidente de 2 em 2 minutos;
- em cada 8 acidentes 1 provoca vítimas;
- 23% dos peões vítimas de acidentes são crianças — crianças com menos de 14 anos;
- 27% dos mortos em acidentes de viação se deslocavam em veículos de duas rodas;
- cada minuto custa ao País, mais de 10 contos em acidentes de viação;
- enquanto acende um cigarro e aspira com prazer a primeira fumaça, o País perde, nesses 6 segundos, qualquer coisa como mil escudos em haveres destruídos ou perdidos na estrada;

PODE SER ÚTIL

espectáculos

S. PEDRO

Hoje, Sexta-feira, dia 13 — **Oeste Bravo** com Red Carter e Simone Blondell — Para todos-maiores de 6 anos (à tarde).

Bela, Rica, com pequeno defeito físico, pretenle cavalheiro, com Marisa Mell e Carlo Giufre — Interdito a menores de 18 anos (à noite).

Amanhã, Sábado, dia 14 — **O caso Odesa**, com Peter Miller e Mary Tam — Não aconselhável a menores de 18 anos.

Domingo, dia 15 — **Jeremy**, com Robby Benson e Glynnis O'Connor — Não aconselhável a menores de 13 anos.

Segunda-feira, dia 16 — **Veredicto**, com Sophia Loren e Jean Gabin — Não aconselhável a menores de 18 anos.

Terça-feira, dia 17 — **Um pequeno Trinitá de botas altas** — Para todos-maiores de 6 anos (à tarde).

Casamento de Padre, com Mando Buzzanca e Enrico Maria Salerno — Não aconselhável a menores de 18 anos (à noite).

Quarta-feira, dia 18 — **A rebelde apaixonada**, com Ornella Muti e Ga-

brille Ferzetti — Interdito a menores de 18 anos.

Quinta-feira, dia 19 — **Mr. Major tyk**, com Charles Bronson e Lina Cristal — Interdito a menores de 18 anos.

CASINO

Hoje, Sexta-feira, dia 13 — **Um detektiv sem importância**, com Marc Porel-Dani e Julian Negulesco — Para maiores de 18 anos.

Amanhã, Sábado, dia 14 — **Mily**, com Jaya Bhaduri e Armitabh Bachchan — Para maiores de 13 anos.

Domingo, dia 15 — **Mily**, com Anna Moffo e Gianni Macchia — Para maiores de 18 anos.

Segunda-feira, dia 16 — **Como caçar um marido**, com Dirch Passer e Axel Stroybe — Para maiores de 18 anos.

Quarta-feira, dia 18 — **Pato Donald & C.ª** — Para maiores de 6 anos (à tarde).

Os inseparáveis, com Ives Montand e Michel Piccoli — Para maiores de 13 anos.

Quinta-feira, dia 19 — **Os pecados inconfessáveis de uma senhora bem**, com Anna Moffo e Gianni Macchia — Para maiores de 18 anos.

farmácias

Sexta-feira — **Grande Farmácia** — rua 62 n.º 457 — Telef. 920092

Sábado — **Farmácia Teixeira** — rua 19 n.º 46 — Telef. 920352

Domingo — **Farmácia Santos** — rua 19 n.º 63 — Telef. 920331

Segunda-feira — **Farmácia Paiva** — rua 19 n.º 319 — Telef. 920250

Terça-feira — **Farmácia Higiene** — rua 19 n.º 393 — Telef. 920320

Quarta-feira — **Grande Farmácia** — rua 62 n.º 457 — Telef. 920092

Quinta-feira — **Farmácia Teixeira** — rua 19 n.º 46 — Telef. 920352

marés

DIA	PREIA-MAR	ALT	BAIXA-MAR	ALT.
14	18.39	3 ^m .08	—	—
15	19.11	2 ^m .89	12.28	0 ^m .93
16	20.04	2 ^m .70	13.09	1 ^m .11
17	21.04	2 ^m .53	13.56	1 ^m .30
18	22.22	2 ^m .44	14.54	1 ^m .46
19	23.39	2 ^m .48	16.08	1 ^m .54
20	12.14	2 ^m .63	17.33	1 ^m .47
21	13.06	2 ^m .83	18.43	1 ^m .28

TELEFONES MAIS NECESSARIOS

Emergência	115
Bombeiros V. Espinho	920005
Bombeiros V. Espinhenses	920042
Hospital de Espinho	920327
Centro de Enfermagem de Espinho	922392
Praça de Táxis	920010
Posto Médico da Previdência	920664

NASCIMENTOS

Centro de Saúde de Espinho	921167
Câmara Municipal de Espinho	920020
Serviços Municipalizados	920040
P. S. P.	920038
G. N. R.	920035
Correios	920335
Abade de Espinho	920621
Auto-Viação Espinho	920323
Estação C.F.	920087

PELA POLÍCIA

— Apresentou queixa na PSP um turista holandês porque no seu quarto, no Hotel Praia-Golfe, lhe roubaram uma máquina fotográfica, dinheiro e outros objectos.

— Foi detido pela PSP Joaquim Ferreira, de 28 anos, industrial, residente em Valos — Fiães, por conduzir uma viatura automóvel sem que tivesse carta de condução.

Entregue ao poder judicial foi condenado.

NASCIMENTOS

— Silvia Gabriela, filha de Francisco Duarte e de Maria Glória F.ª Ramalho Duarte;

— Paulo Manuel, filho de Manuel Arlindo Gomes de Oliveira e de Palmira Pereira de Sousa;

— Fátima Marlene, filha de João Moreira e de Maria Candida Teixeira Alves;

— Maria João, filha de João Augusto da Silva Oliveira e de Elvira Lopes de Oliveira;

— João António, filho de João António F.ª da Veiga e de Rosa Leopoldina G. Duarte;

— Floência, filha de Horácio Pais Vaz e de Albertina de Sousa O. Vaz;

— Pedro Luís Filipe C. Duarte Ferreira e de Maria Cecília da Silva F.ª Ferreira;

— Anabela, filha de Augusto António Gomes Maia e de Glória Rodrigues Guedes Maia;

— Márcio Paulo, filho de Januário de Oliveira da C. Guerra e de Albertina Gomes Guerra;

— Sónia Maria, filha de Alfredo Rebelo Pereira e de Alzira dos Santos Reis.

PARAMOS

— Inês, filha de Alfredo de Sá Ferreira e de Lúcia de Oliveira Dias;

— Carla Maria, filha de Alberto Alves dos Reis e de Felismina Pereira da Silva.

FALECIMENTOS

SILVALDE
— José Pereira Guedes, 75 anos, viúvo;

— Maria Rodrigues Sabença, 70 anos, casada com Manuel Tavares de Sousa Júnior.

GRANDE CASINO DE ESPINHO

ONDE O NORTE SE DIVERTE

★ MÚSICA DE BAILE ★

Pelos Conjuntos :

- TOP GROUP SHOW
- SURPRISE

Orquestra de SHEGUNDO GALARZA

★ V A R I E D A D E S ★

- Ivan Baptie — Ballet Inglês
- Suzi Oliveira — Cançonetista Portuguesa
- Ambroise — Marionetes Francesas
- Les Marcos — Acrobatas Franceses

★ RESTAURANTE - BOITE ★

Jantares Concerto — Esmerado Serviço seguido de Baile e Variedades

— SLOT - MACHINES —

★ C I N E - T E A T R O ★

SESSÕES TODOS OS DIAS — às 15,30 e 21,30 horas

★ S A L Ã O D E F E S T A S ★

6.ª feira, 13 de Agosto, pelas 22 horas
NOITE DE AGOSTO — TOMBOLA DANÇANTE

Sábado, 21 de Agosto, pelas 22 horas
CONCURSO FATO DE BANHO 1900

Sábado, 28 de Agosto, pelas 22 horas
CONCURSO VESTIDO DE CHITA

ENCONTRO

N.º 4

Agosto / 1976

Suplemento de Divulgação Cultural
da «Defesa de Espinho»

Direcção de: F. AZEVEDO BRANDÃO

MÚSICA

CONCERTOS SINFÓNICOS DE VERÃO EM ESPINHO

- 1 — Orquestra — Sinfónica do Porto
Maestro — M. Ivo Cruz
- 2 — Orquestra — Sinfónica do Porto
Maestro — Silva Pereira

1 — Iniciou-se a série de concertos de verão com que a direcção do Casino de Espinho costuma contemplar os habitantes e veraneantes desta bela cidade, série essa que do conhecimento que temos destas manifestações culturais nos leva a bem dizer desta iniciativa.

Este primeiro concerto pela Orquestra Sinfónica do Porto quase encheu o salão do Casino.

A «Abertura» de Carlos Seixas, músico português que tão belas obras nos deixou, foi tocada com aquela delicadeza que o estilo da época exigia, sobressaindo toda a beleza do segundo andamento.

De seguida foi solista Yoshito Arai, jovem japonesa de grande talento, que nos deu um precioso Mozart no seu concerto em ré maior na primeira parte, e na segunda a «Tzigane» de Ravel em que fez prodígios com o seu arco em que toda ela foi fogo, perfeitamente secundada pelo maestro Manuel Ivo Cruz e pela Orquestra a quem transmitiu o seu estilo fascinante e ardente. O público aplaudiu-a com entusiasmo.

Devem-se a Manuel Ivo Cruz a beleza e grandeza alcançada no terceiro e quarto andamentos da «Sinfonia n.º 2», de Liszt, o mais importante compositor finlandês. Foi aí que mais se manifestou o temperamento vibrátil do maestro que jogou todos os planos sonoros desta sinfonia num verdadeiro arrebatamento.

O auditório premiou com intensos aplausos este concerto que deixou uma óptima expectativa para os que lhe seguirem.

2 — Está a direcção do Casino de Espinho de parabéns pela organização dos concertos que se tem vindo e vão realizar. O nível atingido diz bem a preocupação que tem havido no plano de divulgação cultural de que tanto se fala neste momento no nosso país e que não só basta realizar, mas continuar.

Viu-se, com alegria, uma sala completamente cheia e até falta de lugares.

A única nota discordante foi — e espera-se que não torne a ser — a entrada e saída de pes-

soas caminhando sem a mínima preocupação de não fazer barulho durante a execução das obras, denotando uma falta de respeito pelo trabalho dos artistas que nos estão dando arte na forma de música que tem de ser respeitada para com os músicos e para aqueles que, interessados, assistem.

É necessário, pois, que se adquira não só Cultura mas também Educação.

Um aspecto agradável visto pela primeira vez foi que os músicos se apresentaram não com as casacas habituais, péssimas para os executantes neste tempo de calor, mas com as impecáveis camisas brancas de manga curta, o que deu um efeito não só lindo, mas também de frescura. Um bom exemplo a seguir.

Este segundo concerto aqui realizado, começou com a abertura Coreolano de Beethoven, em substituição de «La Gazza Ladra» de Rossini, impondo-se, desde logo, pela sua execução.

Seguiu-se o Nocturno para corda de Joly Braga Santos em que foram maravilhosos os solistas Anabela Chaves em viola e Trabschov em violino.

A beleza trágica desta obra nas suas sonoridades doces e tristes subjogou a assistência.

Foi-nos dado ouvir depois a Sinfonia Concertante Slamitz para dois violinos e orquestra em que os solistas Manuel Viluendas e Ilídio Gomes foram e puderam ser realmente solistas sob a direcção segura e maleável de Silva Pereira, obtendo uma extraordinária harmonia entre os solistas e a orquestra.

A coroar este concerto a Sinfonia n.º 4 de Mendelssohn chamada Italiana pelo seu estilo leve e gracioso em que ressaltou a leveza e graciosidade do Saltarello que levado naquele andamento tão rápido nunca deixou de ser claro e com brilhante sonoridade. Foi principalmente essa sonoridade cuidada que mais se destacou em todas as obras executadas durante este concerto, no qual a batuta de Silva Pereira sempre empunha da com a maestria que o caracteriza, tão alto nível alcançou.

O. P. R.

INQUÉRITO À CRÍTICA LITERÁRIA EM PORTUGAL

Numa época em que o exercício da crítica literária se diversifica em várias e diferentes modalidades, cada uma delas apreçoando as suas virtudes e capacidades, apresentando todas elas fortes e válidas razões para a sua existência, e num momento em que muito se fala, mercê de condicionalismos político-ideológicos, de todos conhecidos, da inviabilidade da crítica literária em Portugal, tais pressupostos levam «Encontro» a abrir um inquérito aos críticos literários portugueses para lhes auscultar as suas opiniões sobre tão prementes como actuais problemas do fenómeno literário.

As perguntas são as seguintes:

1 — Fala-se com frequência em várias perspectivas de crítica literária como «crítica biográfica», «crítica impres-

sionista», «crítica psicológica», «crítica dialéctica», «crítica estilística», «crítica estruturalista», etc.

Em qual destas perspectivas (ou outras, porventura), considera integrado o seu exercício de crítico? Como o define e porquê tal atitude crítica?

2 — Com a revolução de 25 de Abril de 1974, alguns jornais suprimiram os suplementos literários, onde vigorava, tanto quanto possível, a variedade de géneros de crítica, e começaram a introduzir nas suas páginas «crítica» literária e artística de carácter exclusivamente ideológico, cujo tom chegou, por vezes, a ser demagógico. Daí o afirmarem da inviabilidade da crítica literária «aqui e agora».

Qual a sua opinião sobre o assunto?

Hoje damos início ao inquérito publicando a seguir as respostas dos críticos literários, José Palla e Carmo e José Manuel Mendes.

José Palla e Carmo exerceu crítica literária no «Jornal de Letras e Artes» (1961-62) e na revista «O Tempo e o Modo» (1963-67), cujos textos reuniu no volume «Do Livro à Leitura» (1971). Mantém, presentemente, colaboração na revista «Crítério».

José Manuel Mendes exerce a sua colaboração crítica nas revistas «Seara Nova» e «Vértice». Em 1975 reuniu alguns destes textos no livro «Por Uma Literatura de Combate», ao qual «Encontro» teve já ocasião de se referir.

JOSÉ PALLA E CARMO

1 — No meu conceito de crítica literária cabem as várias sub-modalidades referidas: biografia, psicológico, dialéctica, estilística, estruturalismo, etc. São instrumentos de que o crítico pode servir-se para atingir o seu fim, que é o de se pronunciar valorativamente sobre uma obra literária enquanto meio de comunicação. O escritor, como todo o homem, comunica; mas, porque escritor, comunica através de uma obra de arte, neste caso literária. Há, pois, que determinar qual a validade ou consecução artística daquela comunicação. Se ela não logrou atingir a craveira de obra de arte, então até como comunicação falhou.

Creio que este critério afasta

tanto, por um lado, os critérios meramente «esteticistas» — porque ele atende à comunicação humana —, como, por outro lado, os critérios simplesmente sociológicos ou ideológicos (porque ele exige que a obra literária seja uma obra de arte).

2 — Lamento que, efectivamente, a maioria dos jornais portugueses, tenha suprimido os suplementos literários. Também lamento que os poucos artigos ultimamente publicados se nutram, quase exclusivamente, de objectivos ou propósitos político-ideológicos, alás formulados através de lugares-comuns ou chavões da mais trivial e monotona banalidade, quando não demagogia.

Compreende-se que o escritor português, tantos anos privado de poder exprimir as suas preocupações ideológicas, o que ra fazer agora. O que já não se compreende é que sacrifique tudo a essa ânsia, a qual deva e deve ser um «meio» e não um «fim».

A crítica literária, como juízo de valor (conforme acima defendo), é não só inteiramente possível hoje, como até indispensável.

Talvez seja até mais importante neste momento do que noutros, precisamente devido a essa demagogia. A crítica literária valorativa é exigente: exige, assim, responsabilidade artística ao artista-escritor.

JOSÉ MANUEL MENDES

1 — Tal como afirmava no prefácio ao meu livro «Por uma literatura de combate», tal como decorre da leitura que se faça ao meu exercício crítico nas páginas da «Vértice», tal como o determina a minha prática política, o trabalho que produzo nos domínios da crítica de literatura é, antes de mais, uma opção teórica e uma opção estética. Considero-me um crítico debruçado, tão atentamente quanto possível, sobre essa incidível unidade dialéctica que é, na obra de arte, a ideologia e o texto. Ou, se se preferir, o conteúdo e a forma.

Muitos falam hoje numa crítica textual, estruturalista, formalista, pondo em causa, acirradamente, o valor duma prática ideológico-judicativa. Zurzem aquilo a que, miopemente, chamam *panegirismo ideológico*, combatem, como dizem, a intromissão do político, no seu sentido não eclectístico, na obra de arte. E hoje — ó milagres do pluralismo! — verberam, de acordo com o que afirmam, a leitura partidária e sectária produzida pelo crítico que se situa no tempo e no espaço duma visão dialéctica (marxista-leninista) da fenomenologia da criação. Esquecem, porém, que, ao defini-

rem-se em função de tais parâmetros, assumem uma posição ideológica. E conservadora. Com raras e honradas excepções, e descontento aqui o meu apreço e a minha discordância contumaz em relação aos grandes nomes, por exemplo, do estruturalismo, atente-se um pouco onde se situam os psitacistas de Barthes, Foucault, Umberto Eco. Atente-se, por outro lado, onde se encontram aqueles que, dum autoproclamado ponto de vista de esquerda, lançaram anátemas de morte contra os mais consequentes autores do (neo-)realismo português.

Sou um homem que vive no plural. Um homem para quem a vida (que é material e, como tudo, sujeita às leis inelutáveis da transformação) é um acto político. Fazer a leitura de textos literários é, igualmente, um acto político, pressupondo uma teoria e uma estética. A teoria e a estética do marxismo-leninismo. Com um lugar cativo para dois grandes pensadores, que foram dois homens de acção: György Lukács e Antonio Gramsci.

2 — Penso que, «aqui e agora», a crítica literária não apenas é válida como necessária.

A proliferação dum tipo de crítica puramente ideológica — o que, em grande medida, é fruto natural dum tempo de agudização da luta de classes — tem gerado, entre nós, grosseiros erros. Nisso se tem distinguido, como em tudo o resto, os corifeus da burguesia, qualquer que seja o quadrante em que se situem. O que se lê nos jornais do pútrido pluralismo reaccionário justapõe-se, sem grande esforço, a muito do que foi escrito, aí pelos anos 40, pelo Sr. António Ferro, pelo Sr. Franco Nogueira ou pelo extremamente enconado Gaspar Simões.

Pode encontrar-se, por outro lado, nas páginas da *Vértice* ou da *Seara Nova*, ou de jornais como *O Diário* ou mesmo *O Jornal*, um conjunto de textos reveladores de criteriosa atenção ao que de mais importante se vai publicando e numa perspectiva que não hervalorize qualquer dos elementos (a ideologia e a forma) constitutivos da unidade dialéctica de que ac me falei.

Não quer isto dizer que o exercício crítico tenha registado, nestes mais de dois anos de revolução, um apreciável salto qualitativo. Nem sequer um nível

(Continua na pág. seguinte)

INQUÉRITO À CRÍTICA LITERÁRIA EM PORTUGAL

(Continuação da pág. anterior)

quantitativo de acordo com as necessidades desta encruzilhada de caminhos em que vamos. É este um dos aspectos, de resto, mais peculiares do processo cultural, uma vez que, entre nós, ao contrário do que aconteceu com outros países que se libertaram do fascismo, não se assistiu a uma plétora da obra literária, nem no que concerne à letra dos autores mas destacados da resistência, nem no que respeita à criação duma nova

linguagem, dum novo tipo de problemática, do abrir de perspectivas para um mais cabal entendimento dialéctico do escritor com o povo que é.

Tais circunstâncias não impedem, todavia, que se prossiga, em Portugal, o projecto crítico, naturalmente plurifacetado, que irrompeu do trabalho de homens como Mário Dionísio, Óscar Lopes, Prado Coelho, Luso Soares, para só referir, de passagem, alguns nomes bem conhecidos. O que se deseja é que, articulada a actividade crítica com

os aspectos mais gerais da luta ideológica e cultural, possa contribuir para o enriquecimento qualitativo da produção literária, para o desenvolvimento duma cultura proletária, conquista que será síncrona com a da construção do socialismo no nosso País.

E que a arte se não abastarde na demagogia, ou no lupanar da cultura burguesa, mesmo quando travestida dum fraseado de «esquerda», mantenedora da alienação popular, plataforma indispensável para a exploração do homem pelo homem.

« OS LIVROS E OS HOMENS »

Notas de Leitura

* «AS PALAVRAS DOS OUTROS» — de Baptista Bastos

* «QUADRATIM — I» — de Isabel da Nóbrega

* «IRREAL QUOTIDIANO» — de J. Gomes Ferreira

1 — «Este é um livro de reportagem. Os factos, os nomes, os locais, as palavras são autênticos» — assim nos apresenta o autor o seu livro «As Palavras dos Outros» (1), agora em segunda edição, revista e aumentada.

Na realidade assim é: nas suas páginas resume a vida dos homens, nas suas grandezas e misérias, nos seus heroísmos e cobardias, no quotidiano amargo dos seus destinos, das suas aventuras, das suas alegrias, ambições, tristezas, e frustrações. Nas suas páginas aparecem personagens de carne e osso, como os seus traumas, os seus complexos, despidos de qualquer nota rebuscada ou artificial, como autênticas figuras de ficção realista, onde se retrata, com fidelidade o homem em toda a sua plenitude, de corpo e alma.

Reportagem viva de um acontecimento ou de um perfil humano, «As Palavras dos Outros» fica a perdurar como um autêntico manual de como se deve fazer jornalismo, um jornalismo novo, actuante, desmistificador, onde uma pena original e talentosa nos define um tipo psicológico, um estilo directo e vivo, uma linguagem rica de cambiantes rítmicas, tudo isto alado a um halo de ternura incomensurável pelos homens, seus irmãos, que se respira em cada página que se folheia.

Retratando os outros, o autor retrata-se a si próprio, de corpo inteiro, como artista e como homem. Artista da palavra, do estilo, da linguagem; homem de coração, homem que sofre com os outros as amarguras, as tristezas, a miséria e as desilusões das suas vidas.

Livro de denúncia e de intervenção é um desejo incontido de banir da face da terra, a injustiça, a opressão e a ignorância dos homens e da vida.

2 — Isabel da Nóbrega foi aquela voz que ecoou durante a época obscura, para denunciar a opressão que caía sobre a mulher e a sua condição. As suas crónicas, quase diárias, inseridas no «Diário de Lisboa» são disso testemunha e que eram qualquer coisa de diferente no panorama pobre e artificial que então vigorava neste país.

Lutadora intransigente e firme pelos direitos e liberdades da mulher, numa sociedade em que imperava o medo do machismo, Isabel da Nóbrega, soube, como raras, dignificar o papel da mulher nesta sociedade alienada e prevertida.

Mulher inteligente e viva, com uma grande capacidade para dialogar, os seus textos são autênticas peças de ficção, onde as personagens reais se movem no quotidiano das

suas vidas com as cores dramáticas e patéticas de um romance de Dostoevski.

São essas crónicas que a efemeridade de um diário depressa faz esquecer, que a autora reuniu agora no volume «Quadratim I» (2). Assim o leitor poderá mais facilmente entrar em contacto com uma obra impar dentro das nossas letras, naquilo que ela tem de original, pessoal e de intervenção directa.

Pela vasta correspondência que todos os dias recebia não só de mulheres mas também de homens (ela diz: «Não me encontrarão em guerra contra o homem... entendo que a mulher não pode libertar-se se o homem não se libertar»), se pode ver quanto contribuiu para a resolução de muitos problemas familiares, no sentido de melhorar a vida, os sentimentos e as acções de muitas pessoas que a liam e aplaudiam com entusiasmo, respeito, amizade e veneração.

É que as figuras humanas que retratava eram (são) autênticas, sentiam na carne e na alma os estigmas da injustiça, da incompreensão, da própria ignorância que as fazia perder a esperança de um futuro.

Isabel da Nóbrega, com estas crónicas, entregava-se (continua a entregar-se) toda ela aos outros, dignificando-se a si própria, dignificava, sobretudo a mulher que a vida e os homens fazem dela o objecto, a coisa, a peça sobresselente de um carro em segunda mão.

Obra literária? Pois concerteza que sim. Tem dimensão poética, tem estilo, tem força e capacidade dialogante, tem, enfim, as personagens vivas de um mundo recriado.

3 — «Para o meu único amigo de infância, Alberto Rodrigues Miranda, este livro onde, aqui e ali para o espírito da juventude, brandamente louca, que sempre existiu na nossa longa amizade e companheirismo exemplares» — Com estas palavras no frontispício do seu livro, José Gomes Ferreira, abre estas páginas de recordações transfiguradas de um passado longínquo da sua juventude, que ele chama louca, amiga e companheira. Louca nos desvarios do sangue a ferver nas veias, amiga e companheira na ternura e compreensão que sempre devotou nos seus parceiros de infância e juventude.

Este «Irreal Quotidiano» vem na esteira dos seus livros anteriores, «O Mundo dos Outros» (1950) e «A Memória das Palavras» (1963), nos quais esse passado fabuloso de pendor romântico se dilui num grito de saudade por esses tempos míticos de uma juventude irreversível e fantástica!

Saudade doce e amarga, como tão bem soube traduzir Garrett, o passado, para Gomes Ferreira é aquele «esplendoroso ridículo da juventude» que ele tenta esquecer, negá-lo até, mesmo quando esse passado lhe chega a entrar em casa na pessoa de um amigo de infância que ele teima em não reconhecer.

Perdido no tumulto do mundo contemporâneo que o rodeia, o autor tenta por outro lado reavivar, na memória, esses tempos heróicos, quando nas madrugadas silenciosas, vagabundeia, solitário por ruas e becos de Lisboa, «perseguido pelas gargalhadas das pedras... de lampião em lampião, de tombo em tombo, zavanza, sem rédeas a esbofetear recordações e até, para extrema vergonha minha, a falar sózinhos».

Assim, situado numa encruzilhada de sentimentos contraditórios o autor constrói o seu mundo irreal em páginas onde perpassa um humanismo intenso em que cada palavra é um rito de amargura, cada gesto, uma revolta de inconformista, cada pensamento, um apelo à vida.

Ritos de amargura pela perfídia dos homens, revolta inconformista de um mundo hostil para os fracos e oprimidos, um apelo à vida, que apesar de tudo, vale a pena vivê-la e preservá-la, na doce e vã esperança de um mundo melhor para todos aqueles que sofrem na carne e na alma os estigmas da maldade dos homens.

Livro a ler até porque se trata de um dos maiores poetas portugueses contemporâneos.

(1) «As Palavras dos Outros» — de Baptista Bastos. 2.ª ed. Editorial Futura. 1975.

(2) «Quadratim I» — de Isabel da Nóbrega. Diábril Editora. Lisboa. 1976.

(3) «Irreal Quotidiano» — de José Gomes Ferreira, Diábril Editora. Lisboa. 1976.

F. Azevedo Brandão

CAMARADAS

voltemos aos rios
voltamos às vertigens
escadas que conduzem
as nossas palavras.

afastam-nos as mãos.
sombrios os rostos.
quebram-se os minutos
ao som da água caindo.

: onde estamos fevereiro.
: onde dizemos saudade.
: onde dizemos descobrimos
: onde estamos dizemos.

meu silêncio cidade
flor de braço dado
palavra multiplicada
na voz da liberdade.

voltamos ao rio nus.
lavramos as descobertas.
reavemos as feições
de não estar à espera.

erguemo-nos despertos
ceifando o desespero.
aquelas letras paradas
contra o fogo das ondas.

in «Crónica do Cerco do Porto»
(a sair)

JOSÉ VIALE MOUTINHO

BIOGRAFIAS BREVES

MIGUEL TORGA

Miguel Torga, pseudónimo literário de Adolfo Rocha, nasceu em Trás-os-Montes, em 1904.

Com cerca de vinte anos começou a sua vida literária colaborando na revista «Presença», de Coimbra fundada por José Régio, Gaspar Simões, Branquinho da Fonseca, Edmundo de Bettencourt, Fausto José e António de Navarro e de cuja direcção participou mais tarde o próprio Miguel Torga.

Poeta, ficcionista e dramaturgo, a sua obra de quase meia centena de volumes distribui-se por todas estas modalidades, sobressaindo o seu «Diário», já em nove volumes onde insere prosa e verso.

Neste «Diário» o autor faz crítica social, pinta paisagens, descreve figuras humanas, anota cenas do quotidiano, insere reflexões e compõe poesia.

Sendo hoje um dos maiores poetas portugueses, não enfeudado a grupos nem a tertúlias (viria a abandonar o grupo da «Presença»), pontificando assim como uma autêntica voz solitária e independente, a sua obra poética, distribui-se pelos livros: «Tributo» (1931); «O outro livro de Job» (1936); «Libertação» (1944); «Odes» (1945); «Cântico do Homem» (1950); «Poemas Ibéricos» (1952); «Penas do Purgatório» (1954); «Orfeu Rebelde» (1958); «Câmara Ardente» (1962), onde canta os sentimentos mais delicados da alma portuguesa juntamente com a força telúrica e mitológica dos homens que vivem nas fragas da sua montanha. A seiva, a água, a terra, a semente, a montanha, são os temas constantes desta poesia, poesia que traduz um sentido religioso de fundo panteista com laivos de cristianismo e paganismo e que define um poeta eminentemente hispânico em que o sortilégio da terra e do mar o seduz e o cativa.

Poeta dramático e visionário, a sua obra é uma síntese perfeita da alma lusitana, que nunca esquecendo a memória do passado, tem sempre o rosto virado para o futuro.

Como prosador são de salientar os seus «Contos» como «Bichos» (1946); «Os Contos da Montanha» (1941); «Novos Contos da Montanha» (1944) e «Pedras Lavradas» (1951), «que dão, por vezes de uma forma tensamente dramática, a dura e simples coragem da vida humana e rural, despindo os casos de toda a intenção alheia ao ambiente poético referido».

Como dramaturgo escreveu «Terra Firme» e «Mar» (1941).

ESCAPARATE

As «Iniciativas Editoriais» publicaram há tempos dois livros de Júlio Graça: «Histórias da Prisão», narrativas de episódios e experiências por que passaram alguns comunistas na prisão da Pide e «Operários Falam», recolha de textos contendo entrevistas com vários operários.

Distribuído pela Livraria Bertrand apareceu o n.º 4 referente a Julho da revista mensal de economia política intitulada «Economia e Socialismo», e que é dirigida por Mário Murteira. Do seu conteúdo salientamos: «Ajuda externa e independência nacional: balanço da experiência portuguesa recente», por Celso Ferreira «Perspectivas político-militares num Portugal quase definitivo», por M. Ferreira Araújo; «Da viabilidade de uma democracia em Portugal», por Manuel Antunes; «Desenvolvimento do capitalismo, sindicalismo e democracia», por Mário Murteira e «Sector público empresarial na economia portuguesa: comparação internacional», por Ivó Pinho.

Referente a Julho safu mais um número da revista Brotéria com o seguinte sumário: «Heidegger renovador da filosofia», por Manuel Antunes; «Turismo, indústria para Portugal?», por Rui Júdice Gamito; «Robert Owen e o socialismo utópico II», por Luísa Leal de Faria; «Problemas humanos da sexualidade», por A. Ferraz; «O Comunismo italiano», por B. Sorge; e «A Revolução da Democracia», por F. Pires Lopes.

Como sempre uma vasta bibliografia sobre livros portugueses e estrangeiros.

Publicado pela Livraria Bertrand apareceu um interessante estudo «da vida e da obra de Teixeira Gomes», de autoria de Joaquim António Nunes. Distribuído por cinco capítulos este trabalho trata do Homem, do Literato e do Político.

O Cineclub de Porto publicou mais um número da sua revista «Cineclub» referente aos meses Abril/Junho. Do seu sumário destacamos: «Apontamentos para a história do Cineclub de Porto e do Cineclubismo», por Alves Costa; «Pequeno Guia dos cineclubes e dum possível circuito alternativo», texto traduzido da «Internacional Film Guide», «Marc Ferro — cinema e história», por Vitor Martins; «Discutir Deus, a pátria e a autoridade», por António Reis; «Dois filmes de Damiano Damiani», por Jorge Rodrigues «Charles Chaplin», por Luís Neves Real; e «ainda os melhores de 75».

De Y. K. Centeno, a Livraria Ática publicou o livro de ensaios «5 Aproximações» onde a autora estuda António Ramos Rosa, Peter Weiss, Herman Hesse e Fernando Pessoa, além de um artigo sobre «alquimia e misticismo».

MARMELO E SILVA traduzido em Cuba

Segundo uma notícia inserta na secção «Gazeta Literária» de suplemento «Letras e Artes» do Diário Popular, o Instituto Cubano do Livro vai publicar uma antologia de contos de autores portugueses entre os quais se encontra Alexandreerculano, Aquilino Ribeiro, Araújo Correia, Branquinho da Fonseca, Camilo Castelo Branco, Eça de Queirós, Fernando Namora, Fialho de Almeida, Herberto Helder, Irene Lisboa, Jorge de Sena, Cardoso Pires, J. Gomes Ferreira, Raúl Brandão, J. Rodrigues Miguéis, M. Teixeira Gomes, Trindade Coelho, Urbano T. Rodrigues, Vitorino Nemésio e José Marmelo e Silva, radicado em Espinho há muitos anos e actualmente professor na Escola Industrial e Comercial desta cidade.

«A participação da Orquestra Sinfónica do Porto no Festival Internacional da Corunha, foi para nós uma grande vitória»

- disse - nos RAMON MIRAVALL, músico e porta-voz daquela orquestra

Entrevista conduzida por F. AZEVEDO BRANDÃO

O extraordinário êxito alcançado pela Orquestra Sinfónica do Porto, na sua actuação no Festival Internacional da Corunha, nos fins de Julho, mercê da alta qualidade dos seus elementos, levou-nos a um encontro com o porta-voz do Conselho Artístico daquela Sinfónica, o músico Ramon Miravall, radicado há muitos anos na cidade de Espinho, para relatar aos leitores do nosso suplemento as suas impressões sobre aquela deslocação a terras de Espanha e de tudo quanto ali se passou.

Aproveitamos também a ocasião para que Ramon Miravall, espanhol de nascimento, mas português e espinhense pelo coração, nos falasse de si, da sua carreira artística, dos seus projectos.

Conhecido o intento, o apreciado artista colocou-se amavelmente à nossa disposição.

Começamos então por lhe perguntar como decorreu a participação da Orquestra Sinfónica do Porto no Festival Internacional da Corunha e o que representa para a Orquestra tal participação.

— A participação da Orquestra Sinfónica do Porto na Corunha, para nós foi uma vitória muito grande. Foi a primeira orquestra após o 25 de Abril que saiu de Portugal, não por nossa iniciativa, mas sim a convite do povo irmão. Nós fomos para Espanha, e além da mensagem musical houve mais a amizade que nos une. Foi na verdade um êxito notável, pois tudo nos correu muito bem, que ao longo desta conversa há-de transparecer.

— Por esta primeira experiência com o público estrangeiro, achas que deslocações deste género serão benéficas não só para os próprios artistas, mas até para as boas relações entre os povos?

— Sobre isto quero dizer-te o seguinte: Depois dos Concertos da Orquestra Sinfónica do Porto na Corunha, havia e há ainda uma temporada de ópera com a Orquestra da Rádio Nacional de Madrid. Ora aconteceu que a harpista da Rádio Nacional de Madrid adoeceu e os senhores do Festival, vieram pedir ajuda à Orquestra Sinfónica do Porto. A harpista da Sinfónica foi convidada para fazer parte da Orquestra Espanhola. Eu penso que esta atitude responde à tua pergunta. Na verdade por este facto se vê que tais contactos ajudam à unidade dos povos, à amizade que deve existir entre os vários homens das diversas nacionalidades.

— Ouvimos dizer que certo organismo se insurgiu contra a vossa deslocação a Espanha, baseando-se, segundo parece, na saída de divisas e outras despesas, esquecendo, talvez, que a vossa deslocação para fora das fronteiras portuguesas, seria, além do mais, uma oportuna jornada de propaganda cultural e artística de alto nível do nosso país.

Que tens a dizer sobre o assunto?

— Eu acho que tudo isso não passa de um trocadilho de palavras. Esse organismo de que falas é o Turismo Geral do Porto — atenção que não haja confusões — não é o Turismo da Câmara do Porto, é o Turismo da Praça de D. João IV. A um senhor, Paulo Pina, fomos pedir auxílio, como pedimos a outras entidades, para colocarmos os cartazes, estes que estão aqui à nossa frente, para que ele mandasse a todas as delegações de turismo, desde o Minho a Vila Real de Santo António, pois queríamos que todos os portugueses soubessem que a Orquestra Sinfónica do Porto ia representar Portugal no Festival Internacio-

nal da Corunha. Nota que não se trata de um pequeno Festival. Foram cinquenta actuações, entre elas, um grande festival de ballet, a Orquestra Paul Kurts, enfim um Festival de uma tal envergadura, que nunca em Portugal foi realizado algo de semelhante. Ora esse senhor, Paulo Pina, disse-me a mim que não mandava os cartazes porque a nossa actuação em Espanha, era uma saída de divisas para Portugal. Ora eu pergunto: o cartaz anuncia a Orquestra Sinfónica do Porto — Porto, Portugal, penso eu — ora, portanto representa Portugal no Festival da Corunha, e a fotografia do cartaz, como toda a gente sabe, é um magnífico panorama da cidade do Porto. Eu vi na Corunha trezentos, quatrocentos, quinhentos cartazes, sei lá! (eu entreguei mil cartazes na Corunha) e estavam afixados em todas as paredes daquela cidade espanhola. Vi em Tuy, vi em Vigo, vi em Santiago de Compostela, em Orense, etc., etc.

— Enfim, em toda a Galiza...

— Não só. Havia em Madrid, Barcelona, e outras cidades de Espanha. Para todas as delegações de turismo do país vizinho tinham sido enviados os cartazes que foram afixados. Ora eu pergunto ao senhor Paulo Pina se isto é saída de divisas ou entrada de divisas...

— Esclarecidos que ficam os nossos leitores sobre o retumbante êxito da Orquestra Sinfónica do Porto, em terras de Espanha, queríamos agora que falasse de ti, da tua vida como músico, da tua carreira artística, etc.

Se não te importas começavas por nos dizer quando e onde nasceste, como vieste parar a Portugal, quando começaste a aprender a arte musical e quando começou verdadeiramente a tua carreira artística?

— Como sabes, nasci em Barcelona em 1938. Depois da guerra civil, em Espanha, nin-

guém aceitava a música, que se chama aqui de clássica, e então meu pai teve que vir para Portugal trabalhar com o quinteto Murillo que actuava aqui no Grande Casino de Espinho e acho que fez um grande sucesso, naquela altura, não me lembro, pois devia ter uns cinco anos de idade.

Passado bastante tempo, meu pai foi convidado para a Ilha da Madeira como professor de música, e eu, às escondidas, pois meu pai não queria, comecei a estudar violino com um senhor que fazia parte do quinteto Murillo e que era exactamente o próprio Murillo. Depois de muitas tarefas que apanhei, pois meu pai não queria que eu estudasse música, lá consegui levar a minha avante. Não estou arrependido. Tenho de agradecer muito a meu pai todas as represálias, por vezes violentas — o fruto proibido é sempre o mais apetecido — mas depois ajudou-me muito na minha vida artística.

Mas tempos depois, meu pai abdicou, do lugar muito bom que tinha na Madeira, para vir ocupar um lugar na Orquestra Sinfónica do Porto, principalmente por minha causa. Pois eu não tinha futuro na Ilha da Madeira.

Vimos então, para aqui, comecei a estudar violino e comecei a tocar na Orquestra Sinfónica do Porto; depois mudei de violino para viola e quando apanhei o lugar de viola é que comecei verdadeiramente a subir na minha carreira artística.

Como sabes não gosto muito de falar de mim próprio mas quero apenas dizer que grande parte da Orquestra do Porto confia em mim como músico e como delegado da Orquestra e eu, por ela não faço mais porque não posso. Entrego-me totalmente à Orquestra do Porto e faço o possível por honrá-la não só por mim mas em memória de meu pai — pois tenho a honra de dizer que se não fosse meu

pai eu não seria o que sou hoje. — Lembras-te, concerteza dos teus maiores êxitos. Quais foram?

— É sempre difícil responder a essa pergunta. Mas olha, vou-te contar uma peripécia engraçada e que nunca mais esquecerei.

Quando estive na Madeira tive que actuar perante o então secretário da Educação Nacional, de quem já não me lembro o nome. Tinha eu, na altura, 16 ou 17 anos. Estava tão nervoso, como era natural, que o arco, a alturas tantas, saltou-me da mão, mas tão depressa ele se soltou quão depressa eu o apanhei no ar e continuei, como se nada fosse, a partitura que vinha executando, sem uma falha. Acho que foi o maior êxito que tive — apanhar o arco no ar...

— Que compositores gostas mais de interpretar?

— Como solista, música antiga; como integrado na Sinfónica, Tchaikowski.

— Aém de te dedicares à vida artística sabemos que também és professor. Qual destas actividades tem mais interesse para ti?

— Eu gosto muito de estar na Orquestra Sinfónica do Porto mas a mais interessante é como professor de música. E uma prova fatal: pergunta aos meus alunos que acham do seu professor de música.

— Quais são os teus projectos para o futuro?

— Lutar pela renovação do ensino da música em Portugal que já está bastante avançado e isso vai ser «tremendo» para os alunos se se conseguir o que se quer: colocar a disciplina de música ao mesmo nível do ensino das outras disciplinas, com notas e exames. Os alunos que não se assustem, porque não é difícil e a cultura musical faz parte, de facto, da educação integral do homem.

— Por falarmos na divulgação (Continua na pág. seguinte)

PARADELA DO DOURO

na manhã de pedras
as antigas vozes dizi
am casa a casa o trigo
os adubos mais caros.

vergados indispostos
calam na fronteira
os silêncios prolongados
peto agro nevoeiro.

querem ceifar os dias.
querem a noite eléctrica.
querem um braço nervoso.
querem portugal à mão.

In «Crónica do Cerco do Porto»
(a sair)

JOSÉ VIALE MOUTINHO

NOVO GRITO DE IPIRANGA

Ó minha negra do M'salo!
Ó loucura dos meus dias
africanos!

Quando nas noites tropicais
nos perdemos no espasmo
do nosso desejo,
quando nas praias solitárias
mergulhamos nos abismos
da eternidade,
o sémen derramado
no teu fruto apetecido
fará nascer o cântico de uma

nova raça
que, das cinzas da morte e do
meio,
há-de lançar sobre estas terras
de sangue
um novo grito de Ipiranga!

Moçambique, Dez. de 1965

F. M. B.

CANÇÃO DA GUERRA E DO AMOR

Os meus versos sabem a sangue
são da cor da tua pele
cantam a verdade e a vida
a tua boca de mel.

Nascidos no meio da guerra
são carne dilacerada
cantam elegias da morte
a tua pele tatuada.

Entre os gritos e as rajadas
meus versos são oração
cantam hinos de liberdade
teus olhos cor de açafraão.

Nas patrulhas e emboscadas
são refrigerio para mim
cantam os dias sem regresso
tu e eu no capim.

Meus versos não são quimeras
que os tempos não estão de Agosto
cantam canções de esperança
a tez negra do teu rosto.

Meus versos não são palavras
ôcas, frias, inventadas
cantam o aqui e agora
as nossas madrugadas

E não tendo o tom da moda
são o sangue desta terra
pois «as armas não se limpam
nos tempos em que há guerra».

Moçambique, Dez. de 1965

F. M. B.

A participação da Orquestra Sinfónica do Porto no Festival Internacional da Corunha

(Continuação da pág. anterior)
da música por vastas camadas da população, que medidas preconizas para que tal desiderato seja um facto?

— Como te disse já, nasci em Espanha, vim para Portugal aos 4 anos; sou por isso mais espinhense e mais português que muitos espinhenses e muitos portugueses. Sou homem de actos e não de palavras. Sendo assim e gostando da música como é de calcular, consegui trazer aqui a Espinho quatro vezes a Orquestra Sinfónica do Porto. Talvez Espinho, seja a cidade que mais vezes tem tido a Orquestra Sinfónica do Porto. Ora tu assististe a uma experiência no Teatro S. Pedro em que havia, talvez uns 1 500 miudos de idade compreendida entre os 9 e os 13 anos, alunos do Ciclo Preparatório que ouviram, embevecidos a Orquestra Sinfónica do Porto. Nunca se tinha feito semelhante experiência que resultou num grande êxito.

— Outro caso foi o dos alunos do Liceu de Espinho que contactaram por duas vezes a Orquestra Sinfónica, uma vez por intermédio da Solverde que patrocinou a vinda da Orquestra e outra vez foram os próprios alunos que se cotizaram para que a Orquestra viesse. E veio com o maestro Atalaya. Havia para cima de 1 500 alunos a assistir ao concerto no Polivalente. Foi o Atalaya, como sabes fala muito bem e fez executar a 5.ª Sinfonia de Beethoven estando uma hora e meia com o 1.º andamento. Um silêncio tremendo. Depois desta hora e meia o Atalaya pôs a pergunta aos alunos: «Querem ouvir o resto da 5.ª sinfonia?»

A resposta foi unanimemente afirmativa. Aqui tens uma medida para divulgação da música: levar a música ao povo.

Só é de lastimar que nem ao menos uma pequena notícia aparecesse no jornal da terra.

— Precamente sobre este assunto eu tenho uma última pergunta a fazer-te. Que papel pode desempenhar a imprensa e particularmente a imprensa regional para a divulgação da música?

— Todos nós sabemos que a imprensa local é restrita. Vive da carolice e amorismo de algumas boas-vontades em servir a terra e as gentes do seu concelho. Mas de qualquer maneira eu julgo que assim como há repórteres para relatarem acontecimentos desportivos, havia de existir também, repórteres para estas manifestações culturais. É uma falta que devia ser colmatada, para bem do público.

Claro que isto não se passa só em Espinho. Acontece nos outros sítios. Mas acho que poderíamos fazer muito mais. O povo português precisa de saber o que é e o que faz uma Orquestra Sinfónica. Quando liga a televisão, por exemplo, e vê uma Orquestra Sinfónica a tocar, muda logo para outro canal. Mas eu penso, que vendo ao vivo a actuação de uma orquestra, tenho expe-

riência disso, posso afirmá-lo e posso combater qualquer pessoa de opinião contrária, não há ninguém que não goste. Mesmo os miúdos de oito anos.

— Chegamos ao fim da nossa conversa, mas se tiveres alguma coisa a acrescentar, podes fazê-lo.

— Há uma entidade em Espinho que é a Solverde. Esta entidade tem vindo, de facto, a fazer alguma coisa pela Orquestra Sinfónica do Porto, ou melhor, pelo Povo de Espinho, que a Orquestra do Porto, não precisa. Mas em minha opinião o que tem feito não chega. É pouco

para quem tem vastos meios para fazer melhor e obrigação de fazer mais. E se a Solverde quiser saber como deve fazer mais e melhor eu terei muito gosto em elucidar. Antes de terminar eu queria agradecer-te a ti, à «Defesa de Espinho» e às gentes de Espinho a oportunidade que se me ofereceu para falar da Orquestra Sinfónica do Porto e da música em geral.

Por nosso lado, e esta entrevista é uma prova, tudo faremos para que este suplemento que dirigimos, seja um porta-voz das aspirações e realizações no campo da arte musical.

JORNAL DO DISCO

VANGELIS PAPATHANASSIOU: «Heaven and Hell» — aqui está um dos maiores músicos de teclas da actualidade num álbum de excepcional beleza e grandiosidade. O céu e o inferno estão aqui bem representados através dos contrastes sonoros que Vangelis soube dar à sua peça, aproveitando ao máximo as potencialidades conhecidas da instrumentação electrónica.

Peça rica de emoções define um autêntico artista de imaginação fecunda. Álbum excepcional até porque inclui também uma interpretação de uma voz maravilhosa: a da solista Vana Veroutis.

★

STEVE HACKETT: «Voyage to the Acolyte» — Inspirando-se num tema da Idade Média (as cartas de Tarot, jogo muito usado em cartomancia), o guitarrista Steve Hackett,

dá-nos, através deste disco uma emotividade e colorido de imagens musicais que nos chega a surpreender, pelo ineditismo das suas variações. Hackett, faz-nos passar da realidade ao sonho através de um jogo instrumental que ora fluida e suave ora forte e sonora cria um clima de cor e uma linguagem nova.

★

Novidades — «Discos Alvorada» apresenta-am a público os seguintes discos: De Sylvia Kristel: «L'Amour d'aimer» e «Emmanuelle 2», da banda original do filme «Emmanuelle», de Francis Giacobetti; de Dave: «Du côté de chez Suvan» e «Fais-moi l'amour»; de Moaujr Franco: «Canoa do Tejo» e «Maria sem perdão»; de Luísa Salgado: «Aliança Devolvida», «Papoila de barro», «Nada» e «Cheirinho a Portugal».

J. Santos

REGISTO BIBLIOGRÁFICO

DE MELO E CASTRO, E. M. «Experiência de Liberdade». 321 págs. Diágora Editora. Lisboa, 1976.

Melo e Castro reuniu neste volume textos críticos que se publicaram no «Suplemento Cultural» do Diário de Notícias, de Maio a Novembro de 1975 e de que era coordenador.

Apresentando colaboração de tendências diversas, o presente volume define o exercício crítico de uma época importante da revolução portuguesa. Através dos artigos de análise teórica, como dos poemas e das peças publicadas ao longo destes trinta números do suplemento cultural, fica o leitor enriquecido com uma lucida e oportuna perspectiva de criação literária num certo contexto socio-político. Iniciativa louvável uma vez que fará perdurar, pois poderia ficar no esquecimento, um trabalho de significativo valor de um exímio suplemento de um jornal.

NEVES, Orlando. «E Agora Que Fazer? — textos de História da Revolução/III». 315 págs. col. Teoria e Prática. Diágora Editora. Lisboa, 1976.

Orlando Neves reuniu neste terceiro volume dedicado à revolução portuguesa iniciada em 25 de Abril de 1974, alguns textos importantes para a compreensão do período compreendido entre a tomada de posse do VI governo provisório e as eleições para a Assembleia da República.

Documentação de real valor para o estudo histórico de um determinado período incluí peças como as comunicações ao país de Pinheiro de Azevedo em 13 de Outubro e 9 de Novembro de 1975, os comunicados dos paraquedistas e do EMFA em 25 de Novembro, o relatório preliminar do 25 de Novembro e anexos bem assim como o II Pacto MFA-partidos e os artigos da Constituição Portuguesa.

TURGUIÉNEV. «Solo Virgem». 368 págs. Tradução de Manuel Seabra. Editorial Futura. Lisboa, 1976.

Este romance publicado originariamente no jornal moscovita «Mensageiro da Europa» em 1877, descreve um dos momentos mais dramáticos da história russa, pois a sua acção decorre na época em que milhares de jovens estudantes, penetram nas aldeias russas no sentido de levarem aos camponeses a metura e o esclarecimento. Movimento populista que acabou por redundar num fracasso, devido, principalmente à desconfiança dos próprios camponeses e à repressão dos órgãos estatais que viram neste movimento

revolucionário um perigo para os seus privilégios de classe.

Observador atento e arguto, Turguiénev soube transplantar para o seu romance, com fidelidade todas as características peculiares de tal movimento, ao mesmo tempo dando-nos, através de bem delineados recortes psicológicos, toda a humanidade e generosidade dos personagens que se passam através das suas páginas. São exemplo disso figuras como Nejdánov, Marianna, Páblin e Machuria.

BIOCCA, Ettore. «Estratégia do Terror». 353 págs. Trad. de Maria de Carvalho. Col. Séc. XX-XXI Iniciativa Editoriais. Lisboa, 1975.

Professor da Universidade de Roma, Ettore Biocca, dá-nos neste livro uma panorâmica do Brasil, nos aspectos negativos.

Autêntico libelo acusatório, é um repositório negro da tortura, opressão e exploração que se pratica, a coberto das autoridades, naquele continente imenso.

Aqui se fala dos célebres «esquadrões da morte» que tem espalhado o terror, sobretudo no mundo marginal das grandes cidades.

KUCZYNSKI, Jürgen. «Pequena História da Economia». 348 págs. Trad. de A. Patrício da Silva. Col. Séc. XX-XXI. Iniciativas Editoriais. Lisboa, 1975.

Aqui está um resumo histórico da economia que abrange o período que vai da formação das primeiras manifestações económicas do mundo primitivo até aos nossos dias.

A intenção do autor, ao escrever esta pequena história sobre o fenómeno económico, foi o de dar ao leitor, um instrumento de reflexão para a compreensão de acontecimentos actuais, a partir da análise dos factos passados. É como que um alerta das consciências, sobretudo, dos explorados, para penetrarem nas novas formas de economia de uma sociedade sem classes que as teorias socialistas e comunistas proclamam.

DIAWARA, Fodé. «Manifesto do Homem Primitivo». 215 págs. Trad. de Franco de Sousa. Col. Liberdades. Editorial Futura. Lisboa, 1974.

Estamos diante de um livro revolucionário que vai suscitar, concerta viva polémica entre antropólogos e etnólogos de todo o mundo.

O autor é um jovem negro do Mali que estudou agronomia e sociologia em França e que apresenta neste livro, uma nova tese que vem destruir pela base toda a teoria antropológica e etnológica sobre o Homem e a vida.

Problemas como a superioridade do homem branco, de que o homem

primitivo é parente próximo do macaco, de que o casamento monogâmico é sinal de progresso, de que a união sexual judaico-cristão é natural, etc. são vivamente contestados por este estudioso que apresenta razões e argumentos de peso que fundamentam a sua tese.

Livro a ler e meditar e sobretudo reflectir sem os preconceitos de carácter racial ou ideológico.

VESKOVIC, Pedro. «Acusação Ao Imperialismo». 234 págs. Trad. de José da Silva. Col. Séc. XX-XXI. Iniciativa Editoriais. Lisboa, 1975.

Estamos perante um texto acusatório apresentado por um especialista de política económica e que foi ministro de Allende. Texto acusatório na medida em que denuncia as manobras imperialistas, sobretudo dos norte-americanos, que se desenrolaram no período conturbado que precedeu à instalação do regime de Pinochet, manobras essas caracterizadas por boicotes económicos, domínios de multinacionais, e represões sócio-económicas de toda a espécie. O autor não se coíbe mesmo de apontar nomes como Kissinger, William Colby e Mc Namara, como responsáveis desse domínio e desse imperialismo em terras chilenas.

ANDRADE, Banha de. MAURO, Frédéric. «Balanço da Colonização Portuguesa». 228 págs. Col. XX-XXI. Iniciativas Editoriais. Lisboa, 1975.

Reúne-se neste volume estudos importantes sobre a colonização portuguesa, incidindo principalmente a sua análise no período que decorre do século XV ao século XIX.

Todas as características peculiares e singulares da colonização efectuada por Portugal nos seus territórios d'África, Ásia e América, são aqui apontadas com aquela lucidez e probidade que deve obedecer qualquer trabalho de índole histórica.

Os textos aqui reunidos têm a assinatura de Banha de Andrade, Joel Serrão, Eric Axelson, C. R. Booser, Frédéric Mauro e Herman Kellenbem.

ESTEVES DA SILVA, João. «Para Uma Teoria da História/2». 158 págs. Col. Ciência e Ideologia. Diágora Editora. Lisboa, 1976.

Aqui está um ensaio crítico de um autor português sobre a obra de Louis Althusser, trabalho que leva o leitor a reflectir a importância da criação de uma teoria científica da história no que se refere sobretudo às chamadas ciências humanas.

Sendo um trabalho de análise crítica a uma obra que se impõe pelo seu rigor científico, apresenta ao mesmo tempo um enunciado de pro-

blemas que a leitura suscita e que o autor deixa à consideração de cada leitor possível.

VIAL, Jean. «O Advento da Civilização Industrial». 273 págs. Trad. de Noémia Seixas. Col. Ciências Sociais e Humanas. Livraria Bertrand. Lisboa, 1976.

Este livro de Jean Vial, professor da Universidade de Caen, narra-nos a evolução da civilização industrial que, desde os princípios do século XIX, partiu da Inglaterra e alcançou a Europa, a América do Norte e o Japão.

Traçando nas suas linhas gerais o que tem sido este surto industrial com o progresso da técnica e da ciência, o autor mostra-nos todas as modificações, que tal desenvolvimento veio afectar nas estruturas do trabalho, das instituições, na existência das próprios indivíduos e dos Estados.

Da sociedade de consumo à civilização científica dos nossos dias, com a potencialidade da energia nuclear, tudo aqui é escalpelizado e analisado nas suas mais profundas consequências, não sem uma advertência do autor de que não basta o progresso tecnológico para o homem alcançar a felicidade, pois a máquina pode fazer dele escravo e alienado. Assim, conclui o seu trabalho com o seguinte aviso: «Para evitar que a ciência, serva e senhora, se continue ela mesma uma ordem independente, que encontraria nos seus êxitos as suas próprias justificações, o mais importante é que a moral a proteja, do mesmo modo que o físico da Pessoa seja garantido. É missão dos filósofos diz-lo. E dos políticos entendê-lo».

ESTABELECIMENTO
DE MÓVEIS
E DECORAÇÕES

ESPECIALIDADES
EM MOBÍLIAS
DE ESTILO
SÉCULO XVII

★

JOSÉ AZEVEDO PERES BIZARRO

Rua 4 n.º 667 — Telef. 921324

ESPINHO



SOL SOMBRA

(CRÍTICA E NOTICIÁRIO TAUROMÁQUICO)

FREDERICO CUNHA E O GRUPO AMADORES DA CHAMUSCA FORAM OVACIONADOS

Com a lide de oito touros da ganadaria de Ortigão Costa, gordos e de bonita estampa, realizou-se no passado domingo a segunda corrida da temporada.

O público que enchia meia casa, poucas recordações deve ter levado ao espectáculo, devido à dureza e pouca bravura dos touros, enquerençados nas tábuas e nos currais.

Sabemos que o ganadeiro Ortigão Costa é associado da União dos Touros de Lide do país vizinho, onde os seus touros têm alcançado bons êxitos e aceites em Madrid, assim, fritos e aceites em evidência, merecem a pensar que a casta do seu sangue, possa estar em evidência, merecendo um castigo mais duro: a sorte de varas. O simples arpoar de um touro ou das bandarilhas não é suficiente para alterar o seu temperamento nervoso, ou seja a bravura.

Sendo assim, a combatividade dos touros lidados pelos cavaleiros só começou a ser notada nos últimos ferros, quando a lide estava prestes a terminar.

O toureiro equestre estava a cargo dos cavaleiros Frederico Cunha e Sommer de Andrade que diligenciaram tirar partido dos inimigos.

A Frederico Cunha couberam os mais pesados, o 1.º e 5.º da tarde. Com boa preparação das sortes conseguiu afastar o seu 1.º touro da querença que demonstrava nas tábuas, colocando três ferros compridos de boa marca que o público aplaudiu. Mas curtos, com o touro mais interessado no cavalo, cravou dois bons ferros.

Foi pegado superiormente, à segunda tentativa, por Fernando Gomes.

Frederico Cunha e o forçado ouviram fortes aplausos e deram volta ao redondo.

No 5.º touro Frederico Cunha colocou três ferros curtos muito bons, sendo o terceiro superior.

O forçado Luis Suspiro Marques, pegou com valentia e saber na melhor pega da tarde. Ovação e volta para o cavaleiro e forçado.

Na lide destes dois touros, esteve em evidência o peão de brega espanhense Joaquim Silva que, brevemente, se despedirá do toureiro num festival taurino a realizar ainda esta época, possivelmente na praça Solverde.

Os 2.º e 6.º touros da tarde, estiveram destinados ao cavaleiro Sommer de Andrade e apresentaram também dificuldades de lide e dureza nas arremetidas. Conseguiu no entanto um bom ferro e nos restantes vimos deficiente colocação por falta de colaboração dos touros e má adaptação do cavaleiro e montada à lide adequada.

Foram pegados respectivamente com certo relevo por José Eduardo Padeira e Carlos Carvalho Tuta.

No final do 6.º touro, o público reconhecendo a notável actuação do Grupo dos Forçados da Chamusca, prodigalizou uma forte ovação a todos os seus componentes que deram volta à arena.

Se a qualidade dos touros brancos e difíceis prejudicaram a lide dos cavaleiros, mais se tornou notória no toureiro apeado, a cargo de António dos Santos e José Trincheira. Houve absoluta falta de interesse, sem nada que possa merecer referência especial.

A falta de varas, na presença de touros com características tão duras, pode ter sido um dos factores do grande fracasso dos referidos artistas, recordamos, no entanto, actuações houve, embora distantes, em que ambos, mais placeados, venciam dificuldades semelhantes ou piores.

Assim não é nada... é saudade. Já que ninguém quer dar um conselho ao conjunto musical que «abrilhantou» o espectáculo, atrevo-me a lembrar a compra de uma «cassete» em qualquer estabelecimento da especialidade, para os executantes facilmente assimilarem o ritmo próprio e em voga nestes espectáculos. Aprendam por favor.

José Barata Ribeiro

SILVALDE

ASSIM
VAI A VIDA...

QUEIXAS NA PRAIA

Ouvimo-las de várias pessoas, pelo que julgamos obrigação fazê-las chegar a quem de direito: é o caso do pagamento de taxas por ter, na nossa praia, um guarda-sol ou uma barraca, de propriedade privada (por enquanto não há outras...).

As autoridades marítimas foram muito solícitas em mandar cobrar as taxas este ano, com certeza porque as praias de Espinho quase desapareceram e os seus «fregueses» viraram ao sul, à procura dum palmo de areia e de mar. Tiveram em vista o arranjo duma receita; e que deram ao Povo frequentador da praia em contrapartida? Nada. Mesmo nada.

Segundo informação que colhemos, e julgamos segura porque insistimos em saber a verdade, nem o pouco material de socorros a naufragos foi dado pela Capitania, nem o nadador-salvador que, honra lhe seja, se tem desdobrado em actividade preventiva, e subsidiado pela mesma.

Se assim é, se a Capitania não gasta um tostão com as praias de Silvalde, a que propósito vem cobrar taxas? Será que foi a Capitania que fez a areia e o mar? Que obrigação

têm os «velhos» frequentadores das «praias dos pobres», muito antes delas serem descobertas por gente de fora (aliás, bem acolhida, porque ninguém disse nem diz que uma praia tem dono privado) a pagar por um bem que só a Natureza lhes deu? Pague-se, sim, (e nós já pagamos!) a partir do momento em que a Entidade cobradora faculte bens necessários ou acessórios que o justifiquem. Ou não teremos razão?

Respondam-nos, senhores da Capitania. Doutra forma, custa-nos dizê-lo, estamos cada vez mais na mesma, quer dizer, estamos a ser, como antes, explorados.

E OUTRAS QUEIXAS DO POVO

ESTRADA PARA O MAR

Já fizemos há semanas o reparo, mas nada valeu.

A partir da passagem de nível (sem guarda) da Linha do Norte, a dita estrada não está má: está péssima. Covas contínuas logo em cima e a partir da passagem da linha, pedras soltas, poeira abundante sempre que passa um qualquer veículo

ESTE MUNDO CÃO

Não será necessário evocar o passado dum cidadão para justificar a gritante necessidade de lhe valer em caso disso. Mesmo sem ser necessário evocar os Direitos Universais do Homem expressos na constituição. E muito menos desnecessário evocar a gratidão que lhe é devida pelos seus concidadãos.

Existem vários casos dentro dos nossos muros que é inacreditável consentir-se manter o erro cometido em tempos tenebrosos.

Dentre eles avulta o que diz respeito ao Alexandre Canali e Correia. Tem 83 anos e a nova geração não o conhece.

Veio para Espinho em 1922 com 21 anos.

Trabalhou no Espinho Clube. Trabalhou no Teatro Aliança, onde chegou a ser empresário. Trabalhou como actor e cenógrafo. Trabalhou como fiscal do Fundo do Desemprego da Comissão Reguladora do Abastecimento de Géneros, no tempo da guerra 39-45. E até 1969 trabalhou na Misericórdia de Espinho.

Há um ano que o ti Alexandre Canali está encamado. Está ao lado da mulher, Maria da Conceição Canali, que o precedeu na imobilidade há 22 anos. A Misericórdia de Espinho dá-lhe, como esmola, por mês, 600\$00 e alimentação desde Fevereiro último. Desde o princípio do ano, a mulher recebe mensalmente da Caixa de Previdência 1 000\$00 que não lhe chega para pagar à pessoa que lhes faz os recados e a limpeza.

Durante os 21 anos que o Canali trabalhou no Hospital não lhe fiz-

fam os descontos, OBRIGATÓRIOS, para a instituição oficial que lhe teria garantido, agora, a reforma. Que seria tudo menos a esmola.

É possível que tal não ajudasse a revolver a imobilidade do Canali. Mas estamos cientes que a enfermidade é o resultado coerente da miséria que teve que enfrentar nos últimos anos.

Premeditada e inconscientemente sonegaram-lhe os descontos do seu ordenado, ganho honestamente durante 21 anos, saindo em 1969 por velhice. Tinha então 75 anos.

Porque as actividades que gratuita

perigo constante sobretudo para os peões (muitos), porque são obrigados a engolir fartas doses de poeira, a magoar os pés nas pedras levantadas e aguçadas e sujeitos a apanhar com alguma, atirada pelos rodados dos carros.

Não será viável um arranjo, mesmo provisório?

RESPEITO PELOS MORTOS

Temos uma nota escrita, a aguardar melhor oportunidade de publicação, a propósito de casos que têm ocorrido e que não estão certos.

Somos, por sistema, avesso a críticas e reparos a Entidades que nos merecem o maior respeito e que sabemos que não erram por querer, mas por falha de qualquer coisa que as ultrapassa.

No entanto, e dentro duma linha de colaboração activa, sempre temos de deixar transparecer uma coisa que chocou as pessoas e a nós próprio, pelo que nos contaram (salva a devida reserva): **uma pessoa morre no hospital desta cidade às 7,30 da manhã e a família só tem conhecimento à tarde, à hora da visita...**

A pessoa ao ser internada foi identificada, com certeza; Silvalde tem telefones e há pessoas que conhecem a freguesia inteira... Bem, e Silvalde não é, positivamente, uma aldeola perdida a quilómetros de distância do hospital. Para bom entendedor...

e bairristamente prestou na sua juventude, essas foram compensadas com a satisfação de as prestar. E que talvez ainda seja motivo de serena satisfação enquanto medita nas horas a fio do seu leito do barraco que habita no Rua 16 n.º 1036 e que lhe custa 400\$00 de renda por mês.

Porque há 15 dias levaram o Canali para a enfermaria do Hospital da Misericórdia que ele serviu durante 20 anos da sua vida. Já está em casa desde terça-feira, novamente a fazer companhia à mulher, e ela a ele, até que, um dia que não virá longe, um deles fique sózinho. Por pouco tempo também...

J. J.

QUANDO COMEÇA?

(Continuação da pág. 12)

os ingénúos redactores de certa Constituição espanhola cujo primeiro artigo rezava: «Os Espanhóis devem ser bons».

Como se a bondade, a honestidade, a perfeição pudessem ser decretadas!

Como se pudéssemos estatuir: Há que sermos bons» e tivéssemos o direito de esperar que, depois de publicada a legislação, o bicho-homem passasse a ser bom, passasse a ser anjo, deixando de ser sete pamos de lama, sete palmos de excremento da terra-mãe que me chama!

Que, acabados os motivos para mentir, que, deixando de haver vergonhas para ocultar, os governantes seiram leais, sinceros, francos, objectivos, irrefutáveis, indesmentíveis.

Assim fiz, durante bastantes meses.

Palavra que eles dissessem era escritura para mim. Se tínhamos entrada na era da Verdade, se a mentira, a falsidade, a hipocrisia tinham ficado sepultadas lá nas profundas onde fora enterrada (?) a outra senhora, agora havia que acreditar, havia que abrir o coração às palavras de quem pilotava o barco. Havia que confiar.

Não interessa — até porque isso me seria tão doloroso! — lembrar os desenganos, os baldes de água choca apanhados pela cabeça abaixo.

Terá sido no meu querido Anatole France que eu vi desenvolvida a tese de que «o poder corrompe!» Não sei. Sei é que é verdade. E que pena é ser verdade!

Continuo a ouvir ou a ler comunicados oficiais que se verifica serem um murchilho de falsidades, desnudadas por organizações que, elas próprias, não se privam de, igualmente e condenavelmente, mentir, caluniar, enxovalhar.

Os réus que chegam a tribunal com confissões assinadas, negam tudo o que «confessaram», e alegam

(com razão? sem razão? como não ficar na dúvida?) terem sido espancados e martirizados até dizerem que fizeram o que não fizeram.

Que é feito daquela lei segundo a qual os interrogatórios deviam ser feitos na presença do advogado do suspeito ou do acusado?

As autoridades continuam a não merecer crédito, a utilizar processos de actuação que as tornam merecedoras de dúvida, de desconfiança, de ódio, de nojo.

As políticas políticas de agora usam hoje, com «excelentes» resultados, os mesmos horrorosos processos que as anteriores. A vítima que se transforma em carrasco não vale mais do que o carrasco que passou à condição de vítima.

Como é, c'os diabos?!

Os insultos, as ameaças, as torturas morais e físicas, só eram condenáveis, só eram inumanas quando eram os outros a exercê-las, quando éramos nós a sofrê-las?!

Que raio de (i)moralidade é essa?!

Julguem-se os muitos criminosos políticos do outro regime pelos muitos e monstruosos crimes que cometeram (que eu saiba, até agora só foi julgado e condenado — e não sei se já se pôs ao fresco pr'o Brasil — o Dr. Ramiro Valadão). Mas se, depois dos 25 de Abril e de Novembro, crimes semelhantes se cometeram, que não haja duas justíças, que não haja duas leis, que não haja duas bitolas!

Dizia outro dia o Ramalho que estamos fartos de viver num país adiado.

Eu estou! Quando é que se começa a viver num país em que se possa acreditar no que dizem os governantes, as autoridades?!

Vai sendo tempo, com trinta e seis mil pipas!

J. A. Godes

CERQUEIRA FERNANDES

SOLICITADOR

RUA 26, N.º 335

(Ângulo da Rua 11)

Telefone, 923129

ESPINHO

Auto Internacional

Peças e Acessórios
para Automóveis

Av. 24 n.º 1001—Telef. 923028

ESPINHO

ALUGA-SE

ARMAZÉM, NA RUA 22,

N.º 1200

ESPINHO

«VIAGENS ESPECIAIS AO BRASIL»

AGENCIA DE VIAGENS OS CAPOTES

EXCURSÕES TODOS OS MESES

PRÓXIMA PARTIDA — 11 DE SETEMBRO

— ESPINHO — Rua Doze, 628 — Telef. 921941
— AVEIRO — Av. Dr. Lourenço Peixinho, 223 — Telef. 28229
— ÁGUEDA — Rua Fernando Caldeira, 39 — Telef. 62353
— ÍHAVO — Praça da República, 5 — Telef. 25620

PRECISA-SE

APARTAMENTO

Mobilado de preferência para
casal estrangeiro sem filhos

URGENTE

Resp. a este Jornal ao N.º 333

MARCENEIRO

PRECISA-SE PARA FÁBRICA
DE MÓVEIS

TRATA PELO TELEFONE 97246

OU AP. 25 — VILA DA FEIRA

MANUEL PEREIRA FONTES

— FÁBRICA DE TAPEÇARIAS —

Importação

Exportação

Tapetes e Carpetes manuais — Passadeiras, tapetes, carpetes e alcatifas mecânicas «Wilton» e «Axminster» com desenho «REALCE»

Telex 22255 — Fontes - P Telef.: 921316/7/8

SILVALDE — ESPINHO

à venda

VENDE-SE
 PRÉDIO NA RUA 14 N.º 967
 1.º andar devoluto — R/C alugado a comércio
 Falar por favor ao Senhor Luís Silva,
 na Fábrica Progresso ou telef. 922150

diversos

LUSOTUFO
Tapetes — Carpetes — Alcatifas
 Telefone, 72005 CORTEGAÇA

médicos

DR.ª EMÍLIA PEDROSA SANTIAGO
Doenças de Senhoras
 Largo da Graciosa, 41-1.º
 Telef. 921891 ESPINHO
 Consultas — Dias úteis das 16 às 19 horas

fabricantes

METALÚRGICA RECOR S.A.R.L.

 Fabricante de banheiras de ferro fundido e esmaltado.
 Mobiliário metálico para quartos de banho, máquinas de furar e tornos de bancada.
 TELEF.: 23155/6 ARRIFANA — FEIRA

PICHELEIRO
 Encarrego-me de todo o serviço de Picheleiro e Canalizador com a máxima perfeição e rapidez. Serviço ao domicílio.
MÁRIO DA SILVA ESTEVES
 Telef. 920415 p. f., ou dirigir-se à antiga casa «Zé de Gaia», na Rua 33

Joaquim Gomes Pereira
 Electricista de Automóveis
 Montagem de auto-rádios, aparelhagem electrónica para verificação de alternadores. Bobinagem de dinamos e motores. Testes eléctricos e Focagem de faróis.
 (Serviço Mobil)
 Rua 15 — Telef. 921900 — ESPINHO
 Residência — Telef. 964194

J. PINTO VALENTE
 MÉDICO
 Com prática dos Hospitais de Paris, doenças das senhoras, clínica geral
 Avenida 8, n.º 238 — ESPINHO
 Consultas a partir das 15 horas
 Marcações pelo telefone, 920183

MÁRMORES E GRANITOS
 MÁRMORES PARA TODAS AS APLICAÇÕES
 DE
VITORINO LOPES DA CRUZ
 Telef. 920565 — Monte Lírio — ESPINHO
 Novas Instalações da Oficina de Mármore — Rua 7, N.º 561

SUPERMERCADO DO LAR
 RUA 62, N.º 227 A 231 — ESPINHO
 PREÇOS INACREDITÁVEIS ★ EXCELENTE OPORTUNIDADE
 Grande Campanha de Inauguração
 Móveis de cozinha por elementos e outros — Papéis pintados — Cortinados — Alcatifas, Carpetes, Tapetes, Pavimentos nacionais e estrangeiros — Maples — Candeeiros — Colchões — Almofadas — Adornos e um sem fim de utilidades para o lar — Alcatifas estrangeiras a 110\$00 m2
 Pessoal especializado em decorações e colocações de: **ENTREGAS AO DOMICÍLIO**
 Papéis — Alcatifas — Pavimentos

advogados

**FERREIRA DE CAMPOS
 DULCE DE OLIVEIRA CAMPOS**
 Advogados
 Rua 11 n.º 877 — Telef. 922210
 ESPINHO

hotelaria


GRANDE FESTIVAL DE MARISCOS
 Com vista panorâmica para o Mar
 Pratos especiais:
 BACALHAU A CABANA
 COSTELETAS A ALENTEJANA
 TORNEADO A AMERICANA
 ARROZ DE MARISCO
 A nova Gerência agradece a sua visita
 Aos domingos e feriados, **matinés dançantes**
**Restaurante
 Snack — Discoteca
 CABANA**
 TELEFS. 921322-921966

TIPOGRAFIA — LITOGRAFIA
EMPRESA GRÁFICA DE SEIXEZELO
S. Q. R. L.
 Fundada em 1960
 SEIXEZELO — V. N. DE GAIA
 APARTADO 13 — ARGONCILHE — TELEFS.: 964222-964847

tratamentos

CENTRO DE ENFERMAGEM DE ESPINHO
 Todos os serviços de enfermagem oxigénio, camas articuladas, etc.
 Horário:
 das 9 às 12,30 e das 14,30 às 20 h.
 Telefone, 921587
 Telefone de urgência 922392 Noite
 Rua 16 n.º 868 — ESPINHO
 Frente à Igreja

RESTAURANTE-BAR DO AERO CLUBE DA COSTA VERDE
 ALMOÇOS E JANTARES
 SERVIÇO DE CASAMENTOS, BAPTIZADOS E COPOS DE ÁGUA
 ENCERRADO À SEGUNDA-FEIRA
 TELEF. 922372 — CAMPO DE AVIAÇÃO — PARAMOS - ESPINHO

Móveis Decorações
BAPTISTA
 RUA 20, N.º 528 — TELEFONE, 921534 — ESPINHO

CALISTA
 Consultas em Espinho
 9 às 13 h. — 14,30 às 19 h.
 Telefone, 923178
 Rua 25 n.º 48 — Todos os dias

modas

FONSECA
 MODAS — TECIDOS
 RUA 19, N.º 275 — Telefone, 920413 — ESPINHO

FOTO DIN
FAUSTO & LEONEL, LDA.
 Reportagens — Estúdio — Fotografia Industrial
 Rua 19, n.º 198-2.º — Telef. 922267 — Apartado 124 — ESPINHO

papelarias

PAPELARIA ATLANTICO NORTE, LDA.
 Av. 24 n.º 1013 — Telef. 922776
 ESPINHO
 (em frente à «Feira»)
 Agente da «Texas Instruments»
 Material de Escritório
 Livros Escolares

Daniel R. Iglésias
 Confeccões para Homem e Senhora — Modas — Novidades
 Estabelecimentos: Rua 19 n.º 203 e 188 — Telef.:
 Estab. 920463
 Resid. 920086 ESPINHO

drogarias

DROGARIA BAPTISTA
EDUARDO REIS BAPTISTA
 Produtos de Beleza do Dr. N. G. Payot
 Grande sortido em perfumarias Nacionais e Estrangeiras
 Rua 23, N.º 240 ESPINHO Telefone, 920467

Leia e assinie a "Defesa"



DESPORTO



INTERVALO

AO SECRETÁRIO DO ESTADO DA JUVENTUDE E DESPORTOS

Não o conheço. Nem é preciso. Li e chegaram-me informes de ser um homem do desporto. E a par do desporto. Um realista. Um homem de acção. Um homem consciencializado com a ideia de que, todos, não seremos demais para construir o novo desporto almejado por este país. Sem demagogias! Sem mistificações! Sem sectarismos! Sem polifunções!

Eu confio! E confio, e não me deixo embalar por palavreado. E confio, sempre atento para apontar erros. E confio, com a independência que, hoje, como ontem ou amanhã, não me consentem o «amen».

Eu não venho aqui meter uma «cunha». Embora, despudoradamente, neste país, apesar de se ter escolhido outras vias, a «cunha» ainda exista. E, até, exista com maior retumbância. Até parece nacionalizada!

Não é uma «cunha».

Eu não dirigirei ao Secretário do Estado da Juventude e do Desporto, eu faço-o para lhe apresentar uma situação real. Para, publicamente, lhe dar conta duma situação existente e de lesa-desporto.

Uma situação que, antes e após o 25 de Abril, as entidades competentes deste país, a nível do desporto, não resolveram. E se, antes, não resolveram por razões políticas, depois não resolveram por razões incompetências. Não resolveram antes, nem depois. Adiarão. Inconscientemente.

Adiarão, lesando toda uma população desportiva, um centro desportivo que, potencialmente, é dos mais válidos e importantes do país.

Se, antes, havia razões políticas de permissão, depois não se compreende que, com novas estruturas desportivas, nas quais existiam os (famigerados) Conselhos Desportivos de Freguesia e Conselhos Desportivos Municipais, órgãos que deviam ser porta-voz da problemática desportiva de cada localidade, o problema nunca fosse tratado, em definitivo.

Foi adiado! Simplesmente! Comodamente! Negligentemente!

Mas, se teve de ser levado a nível das entidades competentes, nunca o foi veiculado por esses (pseudo) órgãos locais de desporto.

Reforo-me à questão de Espinho-desportivo balançar entre Aveiro, distrito ao qual está ligado administrativamente (mas, erradamente há um por de anos e, pelo menos, enquanto não vai à frente uma nova divisão onde se prevê a integração na área metropolitana do Porto) e o distrito do Porto, onde, efectivamente, pertence por toda uma série de irrefutáveis realidades, de provas concretas, de verdades irreversíveis, de factos inequívocos.

Esse problema, arrastando-se há anos, prejudica seriamente o desporto espinhense e, pelo valor de Espinho como centro desportivo, o próprio desporto regional e nacional.

E a população desportiva espinhense, maciçamente, vota pela integração total no Porto. E vota, não por capricho, mas em sequência de largos anos de prejuízo evidente. E filiada nas realidades, coisa impossível de desconhecer, quando se pretende dirigir ou governar em condições.

Portanto, não é uma «cunha» ao Secretário do Estado da Juventude e Desportos!

É um alerta! É um pedido!

Para que mande abrir o «dossier» Espinho-Aveiro-Porto. Para que mande instaurar localmente um inquérito. Para que oiça as partes envolvidas no problema. Para que se aperceba da vontade real de toda uma população desportiva. Para que não continue a adiar um problema de muitos anos, atrofianador do desenvolvimento desportivo de todo um importante centro de enormes potencialidades.

É um pedido! Pedido de inquérito, rápido, funcional, objectivo!

E, depois, o Secretário do Estado da Juventude e Desportos decidirá.

É um pedido que já devia ser uma exigência! Espinho, não pode continuar a ver adiado um problema desta natureza! Tem de ser definido, de uma vez para sempre e independentemente das modificações administrativas previstas a curto ou longo prazo.

Tem de ser definido, atentas as realidades irrefutáveis, pois não as tendo em consideração, é impossível dirigir correctamente ou governar bem.

Eu não conheço o Secretário do Estado da Juventude e Desportos. Ele também não me conhece.

Pouco importa.

Ele tem de conhecer, isso sim e de solucionar, isso sim, o problema ancestral, continuamente adiado, de Espinho-desportivo, balançando entre Aveiro e Porto, ao sabor das politiquices, das sacanices humanas, da negligência de responsáveis, altamente lesativo para toda uma região e, concomitantemente, para o próprio desporto português!

Fico à espera! Confiante!

Carlos Sárria



FUTEBOL

Vai haver bola no «Avenida»! Na semana que findará em 22 do corrente. Reedita-se o Torneio da Costa Verde, para apresentação dos «novos tigres» e, assim, os desportistas locais voltam a ter bola e a saciar a ânsia de conhecerem a futura equipa, da qual esperam uma época em cheio.

Parceiros para o quadrangular internacional serão, em princípio, o Beira-Mar (1.ª divisão e dirigido por Manuel Oliveira), Feirense e os espanhóis do Pontevedra.

Portanto, a sede do futebol acabará em breve e começarão as esperanças no futuro da equipa dos «tigres», com todos os seus apaniguados desportivamente desejosos dos maiores êxitos.

JUVENAL (EX-CUF) SERÁ «TIGRE»?

O cufista Juvenal, um jogador da bola com bom «curriculum», é apontado como possível futuro reforço do renovado plantel dos «tigres».

A ser verdade os espinhenses adquiririam um futebolista com boas provas prestadas e bastante experiente nas andanças da bola.



CICLISMO

EDIÇÃO 16.ª DA «VOLTA A PORTUGAL» — MINIATURA

254 CONCORRENTES, ÊXITO DESPORTIVO

Mais uma edição da «mini-volta», uma tradição desportiva do estio espinhense, para jovens (praticantes) dos 6 aos 14, de Espinho, arredores e de longe, como para todos (desportistas) quantos gostam de ver desporto.

Menos gente este ano, 254 concorrentes, de novo de toda a parte, nos escalões etários acima.

Para os mais jovens (até 12 anos) as provas decorreram no sábado, em circuito.

Venceram os vários escalões etários:

- 6 anos (1 500 m.)
Luís Pinto, (Mirandela)
- 7 anos (1 500 m.)
José Duarte, (Castelo da Maia)
- 8 anos (3 000 m.)
Rui Ribeiro, (Cova da Piedade)
- 9 anos (3 000 m.)
António Santos, (Gulpilhares)
- 10 anos (4 000 m.)
Joaquim Almeida, (S. Félix da Marinha)
- 11 anos (4 000 m.)
Joaquim Pinto, (Gulpilhares)
- 12 anos (5 000 m.)
António Santiago, (S. Félix da Marinha)

Entretanto, houve as 1.ªs etapas destinadas ao apuramento de 20 jovens de cada um dos escalões etários mais altos 13 e 14 anos, em provas em circuito.

No domingo, os jovens foram para a estrada, até Oleiros e volta, com «montanha» em Anta, uma «neutralização» em curva perigosa, bom ritmo, assistência na bermã da estrada, tudo a emprestar ar ciclistico aos pré-mini-ases.

A «montanha» foi a dificuldade maior e a definidora da classificação da mini — volta (cerca de 17/18 km.), vencendo António Pires, um gentão, pois ganhou todas as etapas e o prémio da escalada.

As classificações finais (dos 13/14 anos) individuais:

do seu valor, perante antagonista reconhecidamente mais forte (27-20).

Medalhas para os «campeões», «Taça Comissão Municipal de Turismo» para os portistas e, ainda, uma placa comemorativa do seu triunfo na «Taça de Portugal».

Apitaram: Jerónimo Gouveia e Vitorino Rocha e jogaram:

Sp. de Espinho: Pinto; Manecas, Armando, Alex, Luís Jorge, Caprichoso, Eroença, Vitor, Freire, Canelas, Henrique e Ramiro.

F. C. do Porto: Loureiro, Pinheiro, Jorge, Eugénio, Vitor, Areias, Orlando, Ramelhe e Monteiro.

TORNEIO (INTERNACIONAL) DE FUTEBOL NO «AVENIDA»

— Já cá vim várias vezes e sempre venci. Ando de bicicleta quando vou e venho da escola, talvez 15 kms. É o meu treino e conselhos tenho tido do Venceslau Fernandes e do Alves Barbosa. Espero ser ciclista a sério, mas se sentir qualidades, pois para já ainda não sei «sprintar» bem.

Claro, embora tenha havido apontamentos merecedores de crítica, a organização merece aplausos, sendo de salientar a insistência indispensável do patrocínio da «Artirene», o apoio da Câmara Municipal de Turismo e aos desportistas espinhenses que deram preciosa ajuda.

Uma competição que vai na 16.ª edição, será útil que prossiga anualmente, rectificando nos pequenos aspectos negativos, valorizada desportivamente e podada, tanto quanto possível, do seu sentido competitivo, impróprio para gente jovem, mas que o anti-desportivismo dos adultos inculca e alimenta.

Alteração (local) na «Volta a Portugal»?

Parece que se terá acordado a tempo do crasso erro (que denunciámos a semana transacta) de fazer a chegada da etapa (da «Volta a Portugal-76») Vila do Conde — Espinho, na 2.ª feira, dia 23, precisamente a uma hora de «trânsito monstro» na estrada Porto-Espinho, por virtude da feira semanal.

Assim, segundo julgamos saber, essa 2.ª feira será dia de descanso, (que devia ser na 3.ª e cá), passando a chegada à nossa cidade para o dia imediato, evitando-se, dessa maneira, um verdadeiro «bico-de-obra», que, estamos certos, geraria problemas diabólicos.

Oxalá que o bom senso prevaleça.

DESPORTO

Dada a grande aglomeração de original, não foi possível incluir neste número uma entrevista com o prof. Geraldo Brandão, referente à sua recente deslocação à Checoslováquia.

Pedimos desculpa, sobretudo ao nosso entrevistado, e no próximo número publicaremos aquele trabalho.

ANDAR

No melhor sítio de Espinho, cede-se posição com financiamento aprovado.

— 4 quartos e 3 banhos, cozinha, sala de jantar, sala de estar com fogão, hall, escritório e arrecadação, com lindas vistas e servido por dois elevadores

Telef. 922275, hora de expediente



PRAÇA DE TOUROS ESPINHO

Domingo, 15 de Agosto — às 16h45

IMPONENTE CORRIDA DE TOUROS

CAVALEIROS : JOSÉ JOÃO ZOIO
EMÍDIO PINTO

ESPADAS : MÁRIO COELHO
JOSÉ MANUEL PINTO

FORCADOS : AMADORES VILA FRANCA DE XIRA

8 GORDOS TOUROS DO ENG.º RUI GONÇALVES



ANDEBOL DE SETE

FESTEJADOS OS «TIGRES» CAMPEÕES

Noite andebolística para sagrar os campeões regionais da 3.ª divisão do Porto — a turma do Sp. de Espinho que ascende ao escalão superior.

Boa moldura humana no Pavilhão «Joaquim Moreira da Costa Jr.» que, aplaudiu primeiro, as «velhas gardas», a fazerem o gosto à mão e a empatarem (22-22) desportivamente, naquela confraternização-recordação, com alguns a mostrarem, ainda coisas.

Depois, os «campeões» defrontaram outros campeões, os do F. C. do Porto, equipa das melhores do país e recente vencedora da «Taça de Portugal».

Encontro agradável, com os locais a corresponderem, numa afirmação

«ENTRE ASPAS»

De «A Vox de Esmoriz», com a devida vénia, transcrevemos este ensaio do Dr. Aires de Amorim, pois reveste-se de bastante interesse relativamente a uma freguesia de Espinho.

PARA A HISTÓRIA DE SILVALDE DAS SUAS COMPANHAS

Tenho para mim que o homem da beira-mar, desde que descobriu os apetrechos para a pesca, a ela sempre se terá dedicado, nos intervalos da faina agrícola. Se hoje, na nossa região, é da fábrica que para a maioria do povo vem o pão diário, ontem provinha dum magra lavoura, a que era preciso juntar o produto da pesca marítima. E tudo isto não era demais. As populações eram pobres e consumidas por tantas prestações a pagar.

Na «Defesa de Espinho» publiquei, em 10 e 17 de Agosto de 1974, apontamentos sobre a pesca em Espinho e Silvalde, tendo, então, como data mais antiga, aliás respeitante às duas praias, a de 1779, referente ao arrancamento da cisa do pescado. Hoje, recuo a data da pesca nesta região para 1746, autorizando-nos o documento consultado a pensar em passado bem mais remoto, embora sem se poder concretizar.

O Pároco de Anta era da apresentação do Convento da Serra do Pilar, dos Cônegos Regrantes de Santo Agostinho. Pertenciam, pois, ao Convento os dízimos do pescado de Espinho. Como o mar, de quando em quando avançava sobre o areal e levava, triunfante, a marca da divisão, não admira que surgissem conflitos entre os Religiosos e o Abade de Silvalde, por causa da prestação dos dízimos. Em 13-2-1746, ambas as partes entenderam-se pacificamente, para solucionar o problema, resolvendo demarcar as suas freguesias, por via «das dúvidas que entre si tem sobre o dízimo de peixe que na costa da dita freguesia (de Silvalde) e da freguesia de Anta que é do dito Convento (da Serra) terão os pescadores no tempo de verão».

O auto da demarcação é de 28 de Abril do dito ano. Puseram, então, uma bandeira branca no marco do Pombal, outra de Barreiros(?) e, em linha recta, acharam a divisória das freguesias, pondo o primeiro marco no areal. Assim fizeram «na forma do costume antigo quando havia dúvida no pagar do dízimo de pescaria que se arrastava com redes do mar para as praias das mesmas freguesias». Ficamos, pois, a saber que havia um costume antigo de apendoar, em caso de dúvida e, ainda, que em 1746 dizia-se ser antiga a pesca de arrasto nestas duas praias.

Ficaram-nos também ecos das Companhas de Silvalde, nos livros de Receita e Despesa da Confraria do Santíssimo Sacramento da freguesia,

respeitantes ao século passado. Assim, em 1829, as Companhas da Aldeia e do Sixto, ceram e mola à Confraria, respectivamente, 1200 e 1000 réis. Parece que em 1822 também já haveria duas companhias, assim parece poder entender-se o texto seguinte:

«Dinheiro que se gastou na festa da Companhia 2.000. Mais cinheiro de sera que esta Confraria deu para outra festa 800 réis. Talvez esta outra festa signifique festa de outra Companhia. Não compreendo, porém, como possam estas verbas inscrever-se na Receita... a última achega é de 1867: «os homens de Silvalde vão trabalhar, nus com sua Companhia na Costa l'Espinho e outros nas próprias Companhas d'Espinho».

Muito agradeço ao Rev.º Pároco de Silvalde o ter-me deixado manusear os documentos do seu Arquivo Paroquial.

Adiantando-me ao progressismo (?) de uns tantos, que irão queimar documentos «em vão» (?) de outros tempos, ficaria, penhorado, se um possível leitor silvadense me indicasse famílias conterrâneas, possuidoras de manuscritos das suas companhias. Tendo havido o arrais das Vinhas, de que se fez alusão nas contas dos «primeiro e, segundo acrescento da Capela da nossa Senhora da Boa Nova» (suponho ser do século XIX, não terão seus descendentes nenhuma documentação relativa às Vonpanhas?

Aires de Amorim

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA PORTUGUESA

TÍTULO II

Presidente da República

CAPÍTULO I

Estatuto e eleição

ARTIGO 123.º

(Definição)

O Presidente da República representa a República Portuguesa e desempenha, por inerência, as funções de Presidente do Conselho da Revolução e de Comandante Supremo das Forças Armadas.

ARTIGO 124.º

(Eleições)

1. O Presidente da República é eleito por sufrágio universal, directo e secreto dos cidadãos portugueses eleitores, recenseados no território nacional.

2. O direito de voto é exercido presencialmente no território nacional.

ARTIGO 125.º

(Elegibilidade)

São elegíveis os cidadãos eleitores, portugueses de origem, maiores de 35 anos.

ARTIGO 126.º

(Reelegibilidade)

Não é admitida a reeleição para um terceiro mandato consecutivo, nem durante o quinquénio imediatamente subsequente ao termo do segundo mandato consecutivo.

2. Se o Presidente da República renunciar ao cargo no prazo de trinta dias após as eleições para a Assembleia da República, efectuadas em consequência de dissolução desta, não poderá candidatar-se na eleição imediata.

ARTIGO 127.º

(Candidaturas)

1. As candidaturas para Presidente da República são propostas por um mínimo de 7 500 e um máximo de 15 000 cidadãos eleitores.

2. As candidaturas devem ser apresentadas até trinta dias antes da data marcada para a eleição, perante o Supremo Tribunal de Justiça.

3. Em caso de morte de qualquer candidato, será reaberto o processo

eleitoral, nos termos a definir por lei.

ARTIGO 128.º

(Data da eleição)

O Presidente da República será eleito até trinta dias antes do termo do mandato do seu antecessor ou nos sessenta dias posteriores à vagatura do cargo.

2. A eleição não poderá efectuar-se nos sessenta dias anteriores ou posteriores à data das eleições para a Assembleia da República, sendo prolongado o mandato do Presidente cessante pelo período necessário.

3. Durante o prolongamento previsto no número anterior é vedada a dissolução da Assembleia da República, sem prejuízo do disposto no n.º 3 do artigo 198.º

COCABICHICES DE UM COCABICHINHOS

13

Num Jornal do Comércio transcrevia-se há dias excerto do Diário de Notícias, que rompia logo com este «mimo»:

«Sem haverem Planos Regionais e sem haver um modelo ainda que provisório do País que se quer» (o resto, para o efeito que me leva a escrever, não interessa).

Ora, aquele haverem é simplesmente hor-ro-ro-so! Repelente! Criminoso! Perlinecafúzio! Omnético! Transpatacação! Enfim! Só lhes digo uma coisa: não lhes digo mais nada...

Pensando bem, sempre digo:

O verbo haver (no sentido de existir) não tem sujeito, pelo que não tem nada que concordar seja com o que for.

Se, em vez de haver, o autor tivesse empregado, por exemplo, existir, aí isso aí o caso mudava de figura! Seria então: «Sem existirem Planos Regionais».

Claro! Da mesma maneira que dizemos: «Ele faz» mas «Eles fazem»; «Ele diz» mas «Eles dizem»; «Ele tem» mas «Eles têm»; «Ela é» mas «Elas são»; «Ele paga e não bufa» mas «Eles pagam e não bufam».

Mas o verbo haver (no sentido de existir) não tem sujeito. Como tal, só se usa nas terceiras pessoas do singular.

Por isso se dirá que «há pessoas assim» e nunca que «hão pessoas assim» (até fico agoniado quando tal ouço...)

E que «havia livros que ele não lera» e nunca que «haviam livros».

E que «houvera» mas nunca «houveram».

E que «haverá» mas nunca que «haverão».

E que «haveria» mas nunca que «haveriam».

E que «haja» mas nunca que «hajam».

E que «houver» mas nunca que «houverem».

E «houvesse» mas nunca que «houvessem».

E que «haver» («No caso de haver pessoas que queiram») mas nunca «haverem».

Do mesmo modo, os verbos auxiliares do verbo haver (quando este tem o sentido de existir) não variam; pelo que se dirá «Deve haver pessoas capazes de fazerem isso» e nunca «Devem haver»...

A coisa é tão fuliginosa, tão assassina, tão sulfifata, tão, tão, tão... que, gravemente atingido na minha cocabichice, prefiro deixar de falar eu (tão estomagado me sinto) e passo a transcrever excertos de uma das úteis Charlas Linguísticas do falecido Padre Dr Raul Machado.

Ora, tomem atenção:

«... as expressões violentas, terríveis, que (...) Camilo (Castelo Branco) dardejou contra a frase «houveram coisas terríveis».

«... Vejamos Camilo (Castelo Branco) raivoso, enfurecido, a brigar contra as formas do tipo «houveram coisas terríveis» e a lutar directamente contra esses solecismos.

«Quem olha para as emendas de Camilo, feitas a golpes indignados, rispídos, violentos, a esquartejar em postas o m das formas citadas e a perfumar mesmo as páginas do livro, observa logo a irritação azeda do crítico, o desprezo do gramático e do estilista contra as formas ali usadas, no plural, do verbo haver.

Fica, assim, entendido que dizer coisas como «Sem haverem Planos» ou «Dantes haviam cucufas mas agora já não hão» (aí que me dá uma coisa!) é altamente asnático, burlesco e revelador de ignorância crassa e merecedora de prisão perpétua.

Leitores, parece-lhes que HÁ dúvidas a este respeito?

Não, NÃO PODE HAVER dúvidas a este respeito!

NÃO HÁ pessoas que possam negar o que eu disse!

O que HÁ é ignorantes e descuidados e laparotos que desprezam a correcção da língua.

Mas a esses, infelizmente, NÃO HÁ r...s que os p...m.

Cocabichinhos

SÊ MAIS DIGNO, FILHO!

Se te aperceberes de que eu, tua mãe, estava a teu lado com os olhos rasos de lágrimas e a dor mais angustiante na alma a escutar tudo quanto dizias no grupo que formas, tu e outros «amigos», numa das muitas horas que tens roubadas ao sono tranquilo, poderias continuar, sem vergonha, conversa tão indigna!

Acaso não repararias no meu tão doloroso sofrimento por sentir que, afinal, o meu filho era um dos tantos sem rumo certo, dos tantos que caem em lamaçal por imprudentes e desastrados!

Ainda acredito que um pouco de rubor apareceria em tuas faces e te sentirias incapaz de prosseguir. Acredito que formularias um pedido de desculpa, senão arrependido, pelo menos envergonhado.

Entretanto, tu não me viste, mas eu estava bem contigo. E as tuas palavras, palavras tão indignas e insultuosas, feriram-me de tal modo que chorei amargamente e me perguntei, assustada, se acaso eu não teria contribuído, embora involuntariamente, para que assim te desviasse do caminho que pensei para ti e para o qual trabalhei afanadamente, tendo de vencer os maiores sacrifícios.

Sê mais digno, filho! Eu quero que sejas um HOMEM. E um HOMEM não se forma no não cumprimento dos seus deveres, no desrespeito para quem e o que quer que seja.

LALA

QUANDO COMEÇA?

Por J. A. GODES

Conta-se que, quando Luís XVI viu avançar, em direcção ao seu palácio, a multidão que estava a fazer uma viragem na História, perguntou para o lado se «aquilo era uma revolta».

Alguém lhe teria respondido: «Não, Majestade, é uma revolução».

Quando foi do 25 de Abril, convenci-me de que «aquilo» era uma Revolução. De que ia haver modificações profundas nas estruturas sociais do país; de que iam alterar-se as estruturas mentais da gente portuguesa; de que iam ser corrigidos erros; de que ia entrar em vigor a seriedade de processos, a competência na governação, a honestidade no convívio, a delicadeza nas relações, a eliminação dos estúpidos entraves burocráticos, a abolição da ganância, da febre do lucro.

Convenci-me de que em Portugal iria viver-se a magnífica, deslumbrante experiência — que irradiaria para outros povos, que levaria Por-

tugal a realmente dar novos mundos ao Mundo —, da justa distribuição dos bens; convenci-me de que, finalmente, os que tinham escandalosamente a mais seriam legitimamente desapossados do que lhes sobrava pra que fosse melhorada a sorte dos que tinham vergonhosamente de menos; convenci-me de que, no coração dos que até (?) tinham sido desprezados, humilhados, explorados, não haveria ódio, nem rancor nem desejo de vingança; convenci-me de que a pobreza não os houvesse azedado, que houvesse ficado, do cristianismo, o melhor das suas almas (alguma coisa haveria de ficar das prédicas, homilias, sermões, confissões dos senhores padres); convenci-me de que as carências sofridas não os tivessem recheado dos defeitos que eu condenava nos opressores, nos abastados, nas classes dominantes cujo lema é «os outros que se lixem...»

Os desgraçados dois anos decorri-

dos, cheios de indefinições, cheios de erros trágicos, cheios de oportunismos e exibicionismos, cheios de manifestações de crassa incompetência, de inversões e subversões de valores, cheios de palavrado falso e balofo, de promessas impossíveis de cumprir, cheios de demagogia, de provocações, de um frenético defender de antigos privilégios — por parte de quem não queria perdê-los —, de uma descarada tentativa de conquista de privilégios novos — por parte de quem queria desfrutar deles —, esses desgraçados dois anos, com as decepções que me causaram (espero não ser confundido com os reaccionários que hipocritamente se fingem desiludidos com o caminho que a «revolução» — com aspás e com letra minúscula — seguiu), esses dois tristes anos levaram-me à conclusão — bastante deprimente, conveham! — de que eu sou um lírico lorpa ou um lorpa lírico.

Sonhei alto, deixei-me embalar, fui, enfim, tão pateta e tanso como

(Continua na pág. 9)

SEMANARIO AVENÇADO

Cocubitar, Peruicinal e
Tuuuuu se ex-filho
Angeles del cual 602
Elfi